

APRENDER ENSINAR
PESQUISAR, PESQUISAR COM
(palestra em universidade)

Nos últimos tempos, os últimos cinco, sete, dez anos muita coisa tem sido dita e escrita e também praticada no esforço de associar o trabalho de pesquisa na sala de aula e o trabalho ligado ao ensino e à aprendizagem. Até pouco tempo atrás, pesquisa e docência eram consideradas como atividades próximas, mas separadas, em alguns casos até com atividades bem destacáveis uma da outra. O professor que ensina, que trabalha com seus alunos na sala de aula, fora dela, e muitas vezes fora dos tempos do calendário dos afazeres didáticos, então se dedica ao estudo e quando pode, a algum tipo de pesquisa. sobretudo quando um professor de universidade. Há hoje em dia, todo um esforço para trazer a experiência da pesquisa, a prática da pesquisa em alguma de suas dimensões até dentro da escola, até dentro da sala de aula. É importante observamos que essa mudança de rumos vem associada a outros acontecimentos como por exemplo a descoberta da cultura na relação com a educação; como por exemplo a descoberta do cotidiano como espaço tempo essencial na vida da escola e na vida das relações entre a escola e a sociedade, e a escola e seu mundo, sua comunidade de acolhida seu dia-a-dia. Vem também associada a uma espécie de desvelamento da subjetividade quando, tal como acontece em outras áreas da vida social, tomamos consciência de que os sujeitos envolvidos no processo pedagógico, no acontecimento cultural chamado educação, são pessoas individuais que se aproximam, que se aglutinam, que se envolvem em projetos solidários coletivos à volta do dever de ensinar e do direito de viver e aprender. Se quisermos dizer de outra maneira, às voltas com o desejo recíproco de ensinar e aprender.

Ora, na universidade, e talvez mais ainda, nas suas áreas de ciência humanas e sociais muitas vezes convivemos com que eu gostaria de chamar de um fetiche da investigação científica ..., ele reside numa espécie de classificação antecipada de níveis, de modos, de estilos de trabalho de pesquisa onde se atribui uma verdadeira legitimidade apenas alguns tipos de pesquisas mais formais, mais oficiais e mais academicamente consagrados. Numa direção oposta a essa tendência, eu quero pensar a presença da pesquisa, do trabalho de criação do saber através da investigação científica ou da investigação artista ou filosófica, e quero pensar a relação entre esse trabalho e a prática docente em sala de aula e às voltas da sala de aula, nos seus vários ciclos, nos seus vários planos e momentos, esse é o sentido em que eu quero pensar, a pesquisa como atividade humana realizada em uma cultura que de uma maneira intencional e sistemática procura produzir novos conhecimentos confiáveis, ou procura contribuir para cenários de diálogo às voltas com áreas do conhecimento humano. Mas a pergunta que eu faço a seguir é muito mais espontânea, muito mais cotidiana do que a pergunta: “o que é pesquisa?” “O que é pesquisa científica?” “Quais as modalidades de pesquisa científica num campo como por

exemplo o da Educação e o da Pedagogia?” A minha pergunta agora é outra, ela é : “Quando eu me vejo a mim mesmo, enquanto educador e quando eu olho a minha volta e observo as pessoas com quem eu convivo, estudantes, professores, pesquisadores individuais ou em equipes, o que eu vejo essas pessoas fazendo? Ou: o que é que elas fazem que de alguma maneira em alguma dimensão eu poderia associar ao trabalho da pesquisa?”

Procuramos então compreender o múltiplo complexo de criação de saberes novos, não onde se diz de uma maneira formal que eles estão ou não estão, mas buscando compreender em que situações e de que maneira diferentes pessoas trabalhando no contexto da educação parecem estar realizando esta experiência cultural. A primeira delas, a primeira dimensão é a mais simples: o estudo, sim o estudo cotidiano. Muitas vezes esquecemos que essa pequena prática elementar, essa pequena prática fundadora de todo de mais conhecimento é uma forma de pesquisa é uma dimensão de realização de um trabalho sistemático através do qual lendo, buscando bibliografia, estabelecendo uma dinâmica de confronto de minhas idéias e as idéias de autores, eu produzo para mim mesmo ou então através de mim mesmo para os meus alunos uma experiência de pesquisa científica, quando, por exemplo, um professor de filosofia dedica anos de sua vida como Marilena Chauí ao estudar Spinoza, para aprofundar seu conhecimento a respeito deste filósofo, Spinoza, ou de problemas fundamentais de filosofia através dele, ela está realizando ao longo desses vários anos, sozinha em sua casa, na bibliotecas, frente a livros ou a computadores uma completa experiência de pesquisa filosófica.

No campo das ciências mais experimentais, mais empíricas ou então mais de campo como no caso da Antropologia esse estudo, leitura atenta, fichamento de trabalhos, confronto de idéias por meio do qual um professor aprofunda seus conhecimentos e se aperfeiçoa enquanto um conhecedor de temas e um docente ou por meio do qual é um artigo, um livro de teoria de educação, por exemplo, é escrito, nessas ciências mais empíricas muitas vezes isso não considerado uma pesquisa é considerado um estudo prévio uma atividade antecedente mas não propriamente uma pesquisa, e no entanto em outras áreas muito ao contrário essa é uma pesquisa de pleno direito, é uma pesquisa teórica qualquer que seja a sua finalidade, até mesmo uma finalidade associada apenas ao auto aperfeiçoamento de uma pessoa, de um educador, de um pensador. Esse é o momento em que nós podemos imaginar que na vida de um professor, na vida de uma educadora há um processo que acontece ao longo de toda ela que deve inclusive ser a substância fundadora da sua própria experiência docente que é um processo de estudo contínuo, não apenas aquele no qual se prepara uma aula, eu vou falar sobre isso daqui a pouco, mas aquele a partir do qual o profissional da educação se vê crescendo em conhecimentos, densificando idéias, atualizando informações, e reflexões e teorias a respeito do seu campo de trabalho e a respeito de círculos que envolvem esse campo de trabalho.

Uma segunda dimensão do que eu considero uma pesquisa no trabalho docente é essa da atividade através da qual uma aula é preparada, cada uma

aula. Como nós nos acostumamos a utilizar nomes como preparar aula quase o equivalente docente do dever pra casa dos discentes, dos alunos, o conteúdo de busca, de procura, de pesquisa, de estudo, de aprofundamento, de transformação, por exemplo, de uma questão de matemática ou de geografia é em um trabalho didático, isso ficou fora da idéia de pesquisa, e eu quero colocar aqui, dentro da idéia de pesquisa. Eu acho que, no professor reflexivo, e eu estou pensando aqui situações muito concretas do cotidiano da vida do professor reflexivo, esse exercício, as vezes diário, as vezes a cada dois, três dias, as vezes semanal, nas universidades até com espaços maiores de estudar diligentemente, sobretudo quando procurando o novo, novas idéias, novos olhares a respeito das questões, esse estudo é uma atividade de pesquisa, eu diria até que talvez seja ao lado do estudo pessoal, da pesquisa pessoal de teorias e metodologias de trabalho, talvez seja a mais natural experiência de pesquisa na vida de um professor. Eu tenho trabalhado muitas vezes essa idéia em mim, entre meus alunos e também quando falo a educadores, de que essa atividade não é mecânica é reflexiva, não é apenas repetitiva e acumulativa, é criadora, é um estabelecer princípios e normas de criação de saberes no preparar uma aula para que a aula seja ela própria o diálogo com os alunos à volta da criação do saber e não a repetição do já sabido.

Uma terceira dimensão, talvez um pouco mais ampla, um pouco mais abrangente é aquela que configura em tempos maiores e quantas vezes ocupando as férias de uma professora a montagem a preparação de um novo curso todo ele, não apenas uma aula, não apenas uma unidade didática de um programa qualquer, mas todo um programa de estudo pra um ano ou semestre. Isso pode ser feito individualmente, com frequência é. Lembro-me de repetidos anos em que nós tínhamos que, meses antes do início de um novo semestre, entregar um programa de curso em Antropologia, então aquilo representava toda uma atividade de estudo, todo um delimitar, às vezes com novo olhar, é... um campo em que é selecionada a disciplina, por exemplo mito, rito e simbolismo, depois a procura de novos livros, às vezes até de filmes que pudessem servir de artigos, a leitura, a integração desses trabalhos, a montagem de estudo onde muitas vezes a cada dia de aula, a cada unidade havia uma bibliografia nova sugerida. Isso pode ser feito, e eu vivi também muitas vezes, sobretudo na UNICAMP, em equipes, em pequenas equipes sobretudo quando, na mesma área de saber, às vezes numa mesma disciplina, é ministrada em duas, três, quatro turmas diferentes por vários professores que então se reúnem pra montar em equipe uma mesma proposta de trabalho, ainda que respeitando preferências e diferenças individuais.

Tomei até aqui, a pesquisa, estudo contínuo de formação ou de produção teórico-crítica do educador, tomei, a pesquisa, estudo e elaboração antecipada de aulas, e tomei a pesquisa, estudo e preparação antecipada de programas de curso, como três momentos de atividades de pesquisa do cotidiano na vida do professor, não quero, muito de propósito, contrapor essas atividades, que as vezes são consideradas como paradidática ou didáticas à atividade de pesquisa,

ao produzir conhecimento através de uma motivação e de uma ação sistemática sobre uma determinada área ou um campo mais ampliado de conhecimento, com finalidades, repito, de auto aperfeiçoamento, de aprofundamento pessoal, de produção de trabalhos científicos, de produção de trabalho de valor didático, ou então de realização de programas de estudos, cursos, aulas, seminários e assim por diante.

Quero reconhecer agora novas situações dentro dessa classificação que estou tentando elaborar até aqui, e sempre respondendo não a pergunta: o que é pesquisar na atividade docente? Mas, em que situações eu me vi e me vejo, em que situação eu vejo outros professores, outras educadoras quando envolvidos com algum tipo de atividade de criação de conhecimento através de uma ação sistemática que eu identifique com algum tipo de pesquisa científica associada a docência. Esse olhar não menos sério, mas mais generoso e abrangente sobre os cenários de pesquisa no trabalho docente, ele tem também a sua razão de ser nessa intenção de contrapor essa idéia a uma visão crescente de que pesquisa é aquilo que eu faço quando eu não estou trabalhando com os meus alunos, quando eu estou de licença, quando eu estou desobrigado do trabalho docente, ou porque fui fazer um mestrado, ou porque estou elaborando a minha tese de doutorado, ou porque, como acontecia na UNICAMP, tinha o semestre sabático, e “livre dos meus alunos” eu vou então estudar e pesquisar. Eu estou ao contrário, pretendendo defender aqui com todas as forças, a idéia de que mesmo fora da sala de aula, mesmo antecipada a atividade docente no momento real de sua realização, a pesquisa existe e povoa a vida do professor, da professora em vários momentos e momentos esses diretamente associados ao próprio trabalho de educar, ao próprio trabalho de lecionar junto aos alunos.

Mas agora seria o momento de falar das pesquisas docentes propriamente, ou seja, do segundo momento da contra-face, ou então, do outro lado do trabalho de pesquisa descrito até aqui. Falo então das experiências de pesquisa que eu vivi, que eu vivo ainda e que eu vejo as outras pessoas vivendo no próprio curso da prática didática do trabalho docente, ou seja, com os alunos, através dos alunos, entre os alunos em atividades de sala de aula, ou em atividades para além da sala de aula, mas associada a um curso, a um programa de estudos.

Ora muito bem, pra descrever isso eu tenho vontade de fazer o seguinte: contar um pouco da minha própria vida, dizer de mim, lembrar experiências que eu vivi e tenho vivido ainda ao longo de um tempo que vai de 1961 até hoje, 2001, portanto, 40 anos. Deixo pra trás vivências anteriores, aquelas que foram dos colégios que eu frequentei até o ingresso na universidade, e me concentro aqui em comentar, em narrar, trazer à memória experiências vividas por mim ou que eu vi outras pessoas vivendo no contexto da universidade, acredito, inclusive, que algumas dessas experiências, ainda que próprias ao mundo universitário, algumas até ao mundo da pós-graduação, poderiam ser estendidas sem muita dificuldade ao ensino fundamental.

Quando eu ingressei no curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, no ano de 1961, corrijo, no ano de 1962, em 61 eu tinha ingressado no curso de Filosofia que eu abandonei em 1963, então eu fiz apenas Psicologia, então, quando em 62 eu ingressei no curso de Psicologia da PUC do Rio eu e minha turma, nós nos defrontamos com uma situação muito interessante. Dentro de um mesmo programa de formação de psicólogos, o curso tinha inclusive esse nome, Formação de Psicólogos, havia duas tendências, não só diferentes, mas até contrárias, opostas. Havia uma tendência de Psicologia Clínica, inclusive com toda uma metodologia de pesquisa de estilo clínico, de que talvez Freud tenha sido o melhor exemplo naquele tempo, até outros estilos bem mais recentes, mais modernos de pesquisa, que eu vim a saber mais tarde, poderiam ser chamadas também qualitativas, estudos de caso, histórias de vida, anamneses e assim por diante e do outro lado, todo um campo de pesquisa rigorosamente experimental, fundada em princípios neopositivistas, com uma bibliografia, em noventa e cinco por cento dos casos, de origem norte-americana e centrada na ideia de que todos os fenômenos da psiquê, traduzidos como comportamento para que pudessem ser postos por escrito e trazidos ao debate, tinha que passar por um tipo de pesquisa quantitativa, rigorosamente experimental e regida por uma série de normas ao estilo desse tipo de pesquisa vigente até hoje.

Lembro-me de Haroldo Rodrigues, com quem inclusive eu fiz parte do meu estágio de conclusão de curso, dizendo a todos e todas nós: “O que não se conta, não se escreve”, aquilo que não pode ser reduzido a fórmulas estatísticas, a um teste de quiquadrado, a um rigoroso teste de hipóteses com uma comprovação quantitativa confiável, é literatura, é fantasia, é delírio clínico psicanalítico e não deve ser posto no papel. Eu vivi a minha experiência de formação universitária entre essas duas tendências. E como eu optei pela Psicologia Social e como a Psicologia Social, ela era naquele então muito associada a esse viés experimental, eu comecei a praticar, ainda quando estudante, a minha experiência de pesquisa dentro desse modelo. Isso inclusive atravessou os primeiros anos da minha atividade didática. Quando já formado, primeiro por um breve tempo em Brasília e depois por um tempo mais alongado, em Goiânia, eu comecei a trabalhar com os meus alunos praticamente inventando naquele tempo, naquele então, naquelas universidades, a pesquisa na sala de aula e através da sala de aula, foi com esse modelo, com esse padrão francamente experimental e quantitativo que eu comecei a trabalhar.

O que importa aqui não é descrever como isso acontecia em detalhes. Não se trata de falar sobre metodologia da pesquisa científica, mas muito mais de pensar numa fenomenologia da pesquisa docente. Então a minha intenção agora, após essa breve narrativa, é descrever situações em que eu vivi e vi pessoas associadas a mim pesquisando como professores, junto com seus alunos, entre os seus alunos ou através dos seus alunos.

A primeira relação professor-aluno num trabalho de pesquisa na docência seria levar aos alunos, convidá-los a viverem a prática do estudo, da

leitura, da procura de textos, da busca pessoal, e depois estendida a grupos, do conhecimento, do saber, da mesma maneira como nos momentos anteriores eu falei do estudo pessoal do professor em termos de auto formação ou em termos de... como uma atividade apenas didática, mas como um trabalho em que a didática se estende à pesquisa, isto é, transforma-se primeiro em nós e depois também em nossos alunos, numa busca de conhecimento a partir de uma experiência de recriação, de co-criação de um novo saber. Nós nos acostumamos, primeiro como alunos, depois como professores, a pensar atividades que envolvem o mistério e a maravilha do ensinar e aprender em termos profundamente militares e em termos industriais. Palavras como disciplina, dever para casa, prova, avaliação, rendimento, desempenho, e tantas e tantas outras tem a ver diretamente com esse linguajar que repassa para o mundo da convivência entre pessoas às voltas com a experiência do saber e aprender toda uma lógica e toda uma metáfora de um mundo regido pela competição e pela exterioridade de desempenhos que são medidos, em geral, pela artificial superação de si mesmo na superação de seus outros, das outras pessoas. O quadro de honras, a tabela de classificações, a transformação da escola de várias situações de ranking de desempenhos, e desempenhos mensuráveis, desempenhos estatísticos, desempenhos assemelhados ao que se faz no vestibular, tudo isso é uma trazida para um mundo que deveria ser de partilha, de solidariedade, de co-criação de algo que tem a ver com o exercício da manobra militar, ou com o desempenho de pessoas robotizadas numa linha de montagem. A própria idéia de realização de tarefas escolares, ou de deveres para casa, muitas vezes como uma repetição adestrando instrumentalizadora de competências e debaixo de uma permanente ameaça, de punições ou de uma avaliação negativa é a exata contra-face da proposta que tem sido hoje em dia levada à Educação. E eu mesmo, aqui, quero me fazer um defensor bastante ardoroso dela.

Eu estou partindo de alguns princípios, primeiro de que a sala de aula é, antes de mais nada, uma oficina de interações e de intertrocas de vivências, de experiências, de competências antecipadas, antecedentes e presentes na vida de cada um e que tem em cada um, para uma equipe e para toda a turma, não um valor comparativo, quantificável, mas um valor em si por ser aquilo que cada pessoa presente como aluno ou professora na sala de aula, tem e trás para ela, como suas experiências de vida, como seus valores, como suas idéias, ou seja, como aquilo que realiza a própria experiência da educação. De que maneira temos nós pensado a educação como uma prática criadora de cotidianos? De cotidianos férteis, significativos, críticos e criativos? Ela é um espaço de mediação entre as vivências do cotidiano das pessoas empenhadas em aprender e um alargamento de horizontes de saberes de outras vivências que são representadas pelo aprender, pelo criar com os outros conhecimentos. Um alargamento do meu próprio viver cotidiano a partir daquilo que eu aprendo na escola e que eu aprendo na escola ou com a escola em que situações? Em situações que são tão mais verdadeiras quanto mais representam a possibilidade

de eu me sentir integrado, não numa fábrica de produção, reiteração, memorização, empilhamento e cobrança de conhecimentos prontos, mas num espaço, num círculo, num circuito, num tecido de criação tão livre e espontânea possível de co-saberes, de conhecimentos partilhados a partir dos quais, no interior dos quais, entre os quais, convivendo em diálogo com as outras pessoas, eu vivo a minha experiência pessoal de aprender, ou seja, de retirar para mim sem tirar de ninguém a fração, o quinhão de conhecimento de um trabalho antecedente de criação de experiências, de partilha do saber, de que eu participei e sigo participando ativamente. Esse é o sentido em que nos toca com os nossos alunos, transformar a idéia de dever para casa, estudo obrigatório. Eu me lembro que quando eu era da aeronáutica, da Escola Preparatória Cadetes do Ar, havia um horário a noite, após o rancho, chamado estudo obrigatório, assim como de manhã havia sempre exercícios militares, chamados ordem unida.

Retirarmos todo o sentido de uma obrigação exterior de algo que tem que ser feito como uma obrigação que vai ser provada e comprovada, que vai ser averiguada e comparada com outros desempenhos, algo que eu devo a alguém e que tenho que fazer obrigatoriamente e colocar, no lugar disso, a experiência de que eu sou chamado a partilhar com o outro, na sala de aula, ou em situações derivadas da sala de aula, um momento posterior de trocas, de intercomunicações, de experiências e vivências que é mais rico, é mais fértil, mais fecundo quando eu estudei, quando, por minha conta, eu reservei outros momentos do cotidiano extra classe, extra sala de aula, extra escola, para uma vivência pessoal, gratificante, generosa de estudo. O estudo deixa de ser tarefa e se transforma em vivência, deixa de ser obrigação de memorizar conhecimentos, de aprender a lição ou de fazer o dever para casa e se transforma numa experiência de pesquisa. Eu me sinto ao ler, ao estudar, mesmo que seja uma tabuada, mesmo que seja um conjunto de regras de gramática, como alguém que se exercita, que pesquisa, que estuda, que incorpora o novo a si mesmo como aprendizado, através da realização voluntária, desejante desses momentos de busca do conhecimento. Se ao professor estudar, ler, selecionar livros, comparar teorias e idéias, tirar suas próprias conclusões é um exercício de pesquisa e não uma obrigação didática obrigatória para um melhor desempenho, também para os alunos de sua parte isso deveria ser vivido e ser inclusive avaliado com esse sentido.

Essa também é a razão pela qual em alguns momentos da minha experiência de professor, e não quer dizer que sempre isso tenha dado certo, eu procurei criar sistemas em que, primeiro, o programa de curso em um primeiro momento, em um dia, em dois dias, no começo de semestre, não apenas apresentado, mas debatido com os alunos e dialogado, eu diria mesmo negociado. Quando eu apresentava a seqüência da proposta de leituras, as unidades do curso, os procedimentos através dos quais ele seria realizado, entre aulas, estudos pessoais e momentos de seminários, de círculos de debates, quando inclusive eu trabalhava com eles a minha proposta de avaliação, isso era

discutido e quando resolvido entre nós, eu considerava que havia um contrato de trabalho estabelecido, não havia um programa imposto, mas um contrato de trabalho estabelecido entre a minha turma e eu, e nós deveríamos nos constituir, o tanto quanto possível, como uma equipe de construção solidária de saberes. Nem sempre fácil, nem sempre realizável, mas na maioria das vezes tentado. Às vezes, inclusive, eu estendia isso a situações em que a avaliação final se dividia entre a avaliação que eu fazia, um desempenho, um trabalho final, um seminário apresentado por uma equipe de alunos e uma auto-avaliação, uma avaliação em que uma equipe que apresentou um seminário ou um aluno que produziu um trabalho e que avaliava o seu desempenho, avaliando-se a si mesmo e não na comparação com os outros, atribua-se como uma nota ou como um conceito.

Já bem se pode ver com o que eu estou colocando como pressupostos ao clima, ao cenário do trabalho de pesquisa na docência, que a minha alternativa é bastante contrária a muita coisa que eu vejo acontecendo a minha volta. Dou um exemplo: eu acho que toda proposta de iniciação científica nas universidades é um grande ganho, é uma conquista e é algo que tem que ser levado muito a sério e incentivado, no entanto, eu não sei por quê, em boa medida a proposta da iniciação científica nasce associada, em primeiro lugar, a um profundo individualismo, é cada aluno, individualmente, competindo com os outros para aprovar o seu projeto ou para se integrar num projeto de um professor, há um concurso, há uma competição, há uma concorrência e aos vencedores, poucos, se outorgam uma bolsa e aos perdedores o consolo de que tentaram. Não sei como sair disso, assim como não sei de que maneira poderíamos sair da terrível peneira que é o ingresso na universidade e mais adiante num mestrado e mais na frente num doutorado. Mas acho que outros caminhos poderiam também ser tentados. Vejo com muita desconfiança e com um sentido de alerta toda uma tendência competitiva, instrumental, classificatória e rankissisante nas bolsas de pesquisa e na maneira como a proposta de iniciação científica tem sido inaugurada entre nós. Por exemplo, por que não pensar na formação de equipes de alunos pesquisadores? Por que não criar, já que é necessário, um concurso, não concurso de individualidades ou então de pares de individualidades, um professor orientador e o eu orientando de iniciação científica, o que seria uma espécie de trazer para a graduação o que há de pior e o que há de mais competitivo e mais individualista da pós-graduação, por que já que os recursos são poucos e é preciso selecionar, por que não trabalhar com a idéia de equipe? Equipes, equipes solidárias de estudantes voltados às mesmas questões, às vezes até com uma perspectiva interdisciplinar e que de repente apresentam um projeto e sub-projetos integrados, ou então que se envolvem num mesmo projeto, que será abordado por eles desde diferentes pontos de vista, desde diferentes ângulos. Foi mais ou menos isso que eu sempre procurei fazer nos meus trabalhos com os meus alunos. Lembro-me das primeiras experiências, eu era um jovem professor de vinte e tantos anos em Goiânia. Era um tempo em que a própria idéia de pesquisa era algo muito

distante. Eu havia praticado isso na universidade católica do Rio de Janeiro, eu fui obrigado a isso, por exemplo, eu produzi trabalhos de final de curso como pesquisa experimentais bem cuidadas, bem feitas, eu completei a minha formação com uma monografia que era um trabalho experimental com um teste de hipóteses, com todo o rigor de um cientificismo experimental. E foi isso que eu levei, apenas pensando em colocar novos termos sobre o meu próprio aprendizado.

Jovem professor da Universidade Federal de Goiás e da Universidade Católica de Goiás. O modelo que eu tinha de pesquisa e que eu havia aprendido era esse modelo experimental, a breve proposta de uma questão, uma sumária resenha bibliográfica, objetiva e seca, a apresentação de uma metodologia científica onde o tratamento estatístico, inclusive de estatística inferencial tinha um lugar muito importante, um instrumento de coleta de dados, na maioria das vezes um questionário testado e retestado, uma amostragem rigorosamente escolhida ou de uma maneira um pouco mais aleatória em outros casos, a aplicação objetiva de questionários, a tabulação dos dados, a quantificação dos dados, inclusive o tratamento estatístico mesmo das perguntas mais abertas e depois uma análise objetiva, tanto quanto possível, e toda ela fundada nas porcentagens e nas proporções encontradas nos resultados tratados da pesquisa, apresentação de uma bibliografia. Mas se esse era um modelo, eu procurei inverter completamente a relação processual. Meu interesse não era despertar individualidades brilhantes na minha turma e convocá-las a trabalharem comigo, mas colocar para toda uma turma de alunos e às vezes uma turma grande, uma proposta de incorporação de um exercício de pesquisa como uma experiência nossa de fazermos, ao longo de um ano ou de um semestre, aquilo que nós líamos num livro, nos vários livros feitos por outros pesquisadores, em geral em países distantes. E foi esse o espírito com que eu trabalhei as minhas primeiras experiências com pesquisa na docência e é a partir daí que eu posso propor algumas idéias.

Essa minha trajetória vai, como a de vários colegas meus da minha mesma geração, da minha mesma experiência, uma experiência dos tempos, vai de uma espécie de início na pesquisa experimental quantitativa, rigorosa, neopositivista para uma pesquisa mais qualitativa, mais participante, mais antropológica, mais propriamente interpretativa. Vivi com alunos, com alunas essa experiência que vai de um ponto extremo ao outro. A pesquisa vivida no trabalho de sala de aula pode ser realizada em situações diferentes:

- Uma é aquela em que uma atividade de pesquisa é proposta pelo professor para ser realizada pelos alunos com o mínimo envolvimento do próprio professor, a diferença é que ao invés disso ser apresentado como um dever para casa, é apresentada, por exemplo, sobretudo na universidade, como um trabalho de conclusão de curso. Em geral há um proposta de temas e termos que tem a ver com o tipo de curso que está sendo dado, com os seus conteúdos; os alunos, individualmente ou em pequenas equipes delimitam uma proposta de pesquisa, ou “objeto” de pesquisa; o professor, em aulas ou em momentos de

aulas, apresenta aos alunos alternativas metodológicas, uma ou várias, um pequeno leque de alternativas metodológicas e os alunos assumem realizar pequenos trabalhos experimentais de pesquisa que resultam na elaboração de um informe, de um relatório, de um trabalho de conclusão de curso. Eu chamaria isso aí, reconhecendo esse aí como um primeiro patamar da pesquisa na docência, de pesquisa dos alunos, são eles que realizam, são eles que fazem, são eles que, evidentemente capacitados a isso pelo professor, mas há um pequeno envolvimento do professor no processo e há até mesmo um pequeno envolvimento em termos de acompanhar o trabalho dos alunos, individualmente ou em pequenas equipes. Trata-se que quase de um trabalho de final de curso onde apenas a proposta é que se faça com o aprendizado antecedente um exercício de pesquisa empírica ou de pesquisa documental, ou no limite de pesquisa teórica. Fiz pouco disso, mas fiz isso em alguns cursos, inclusive não foram poucos os cursos, ao longo desses anos todos, em que eu abria aos meus alunos, dentro da proposta do curso que eu estava ministrando a eles num ano ou num semestre, essa alternativa múltipla de produção de trabalho de conclusão de curso. Primeiro, uma alternativa era o que eu chamava de uma pequena pesquisa teórica, um tema, ou um autor, ou uma escola de interpretação de um fenômeno cultural, por exemplo na Antropologia, era escolhida por aluno, inclusive com a minha assessoria em termos de indicação bibliográfica e a pesquisa era uma pesquisa de leitura crítica de textos com a elaboração de um documento final como um trabalho de reflexão de um aluno ou de uma pequena equipe de alunos.

- Um segundo modelo, uma segunda alternativa era o que eu chamava de uma pequena pesquisa documental em que os alunos tomavam, não propriamente uma questão teórica a ser discutida, mas algum fato documentado de alguma maneira, por exemplo nos jornais, nas revistas ou então em registros jurídicos ou seja lá o que for e os alunos tomavam como o seu material de pesquisa um levantamento, uma seleção, e algum modo de leitura dessa documentação.

- Uma terceira alternativa era propriamente uma pesquisa empírica, ou o que eu chamo de pesquisa empírica, ou seja, o trabalhar diretamente com uma população de pessoas que entram numa relação de diálogo entrevistador-entrevistado, através de um questionário e, no limite, através de situações de observação participante, mas isso na minha vida aconteceu bem mais tarde quando eu já havia adentrado na experiência da Antropologia.

- Uma outra modalidade de pesquisa bem mais integrada do que essa primeira é aquilo que eu chamaria de pesquisa com os alunos. É uma situação em que ou um tema único, ou um leque de temas associados ao curso é ofertado aos alunos, é apresentado e é debatido entre professor e alunos e equipes de alunos, normalmente a forma tomada aí é a repartição de uma turma em equipes de alunos, assumem abordagens desse ou daquele ângulo dentro do tema ou do leque de temas propostos. A diferença essencial entre a pesquisa dos alunos com a avaliação do professor e a pesquisa com os alunos é que nesse

segundo caso o professor se envolve. Envolver-se significa aqui o seguinte: ele é mais do que um acompanhante, um conselheiro à distância, ele se integra, não em uma das equipes, abandonando as outras, mas no conjunto de todas as equipes responsáveis, cada uma por uma abordagem de um tema ou leque de temas propostos.

A pesquisa deixa de ser uma espécie de dever pesquisante para casa, sugerido pelo professor, assumido pelos alunos e com uma distante e antecipada orientação e passa a ser uma atividade constituinte do próprio processamento do curso, ou seja, o curso se desdobra em aulas teóricas ministradas pelo professor, eu raramente dei um curso em que não houvesse aulas minhas, em seminários, em trocas, em apresentação de idéias, inclusive derivadas da pesquisa e em situações de oficina de pesquisa. As equipes elaboram questionários, pensam em alternativas metodológicas, alguma maneira em associar questionários em entrevistas abertas ou fechadas, a observação participante de uma situação de trabalho ou de uma situação de festa ou ritual e o professor acompanha isso porque a pesquisa, ela se realiza também dentro do espaço de sala de aula, ocupando momentos da sala de aula. Muitas vezes o que se está discutindo sobre um tema, por exemplo, um preconceito racial, ou então, estruturas e processos de aprendizagem na vida cultural é vivido como situações, pequenas situações de pesquisa de que o professor participa ativamente, ele é um acompanhante durante todo o percurso. Mais de uma vez eu vivi situações em que nós atravessamos o semestre letivo e entramos pelos meses de férias dando continuidade a uma proposta de pesquisa associada ao trabalho de sala de aula dessa natureza.

Uma outra modalidade de pesquisa com os alunos que inclusive foi talvez a mais comum na minha experiência, principalmente nos tempos de Goiás, quando eu ainda vivia dentro de padrões bem experimentais, era a criação de uma pesquisa única que envolvia toda turma e eu mesmo. Exemplos: Com um grupo de assistentes sociais da Universidade Católica de Goiás eu vivi uma experiência de um ano em torno de uma pesquisa sobre percepções e preconceitos de outras pessoas que estavam estudando outros cursos na Universidade Católica e na Federal relativas ao Assistente Social. Esse trabalho inclusive foi depois publicado em uma revista de Serviço Social. Uma outra pesquisa da mesma vocação foi a respeito de Horizontes e Perspectivas de Profissionalização entre estudantes de faculdades de Filosofia em Goiânia, mas uma vez na Universidade Católica e na Federal. A nossa pergunta essencial era a seguinte: Que horizontes de vida e que perspectivas de trabalho profissional estudantes atuais de diferentes cursos das então faculdades de Filosofia possuíam? Uma outra pesquisa, também nesse sentido, foi realizada com estudantes de Arquitetura, quando por uma única vez, num semestre, eu ministrei na Universidade Católica de Goiás, um curso de Sociologia Urbana. A nossa questão era: Quais os critérios e que influências levavam pessoas de Goiânia a escolherem estilos arquitetônicos das casas que construíam?

Uma outra experiência foi realizada de uma maneira mais complexa, envolvendo estudantes de Goiânia e de um curso dado pela própria Universidade Federal de Goiás na cidade de Goiás. Foi uma pesquisa que envolveu duas turmas e dois cenários e ela foi feita da seguinte maneira: num curso de Psicologia Social ou algo semelhante, eu trabalhei com os alunos uma pesquisa feita pelo professor Haroldo Rodrigues, associada a medos e preocupações em crianças e adolescentes. Essa pesquisa, que envolvia um estudo a respeito dessa percepção de medos e preocupações, comparando meninos e meninas, crianças e adolescentes de algumas escolas da cidade do Rio de Janeiro, foi relida por nós e nós então nos colocamos um projeto que eu propus à turma, em que a pergunta passava a ser uma pergunta de comparação antropológica, de comparação entre contextos culturais. Haverá alguma diferença significativa na qualidade dos medos e preocupações expressos por crianças e adolescentes de uma cidade litorânea e grande como o Rio de Janeiro de uma capital interiorana e nova como Goiânia e de uma pequenina cidade encravada no fundo de Goiás, como a cidade de Goiás? Então nós lemos e estudamos a pesquisa do professor Haroldo Rodrigues, com quem eu havia estudado no Rio de Janeiro, tomamos o seu procedimento metodológico como um procedimento padrão, selecionamos escolas de crianças e adolescentes, turmas de escola na cidade de Goiânia e na cidade de Goiás e aplicamos o mesmo tipo de pesquisa, de tal maneira que, quando obtivemos os nossos dados que eram relatos das crianças como se fossem redações ou respostas a uma pergunta proposta, inclusive não por nós, mas pelas professoras dessas turmas selecionadas de alunos, que eram treinadas por nós para esse trabalho. Nós pudemos comparar os nossos dados com os dados obtidos na pesquisa do professor Haroldo Rodrigues.

Outras experiências semelhantes poderiam ser relatadas de todo esse período, mas o que importa aqui é o depoimento à respeito do espírito. Essa proposta de pesquisa eliminava completamente qualquer dimensão de competitividade, ela era proposta a toda turma, dificilmente alguém ficava de fora, embora algumas pessoas tivessem dificuldade de se integrarem a uma equipe que iam para o campo, que ia dedicar muitas vezes fins de semana, isso aconteceu seguidas vezes, a esse tipo de trabalho e que depois gastava, inclusive com a minha participação, tardes e noites tabulando dados de inúmeros questionários num tempo em que não havia computadores, em que não havia máquina de calcular, nem mesmo as de R\$ 1,99 e que quase todas as nossas contas e porcentagens eram corajosamente feitas à mão, na ponta do lápis. Quantas e quantas tardes de Sábado e Domingo, quantos pedaços de noite nós tomamos, grupos de alunos e eu, trabalhando essa experiência de pesquisa.

Em momentos mais a frente, na minha vida de professor e depois de eu haver feito o mestrado em Antropologia Social na Universidade de Brasília, eu comecei a trabalhar com os meus alunos, primeiro ainda em Goiás e depois em Campinas, na UNICAMP, com um modelo de pesquisa bastante mais aberto, bastante mais diferenciado. Já não era um problema único, quantificável,

experimental como preconceito com relação a uma etnia ou uma profissão, ou então, as escolhas de vida, as perspectivas de profissão, mas já era algo centrado, por exemplo, na compreensão da vida cotidiana de seguimentos de população de uma comunidade, de uma pequena cidade, de um entorno da universidade e assim por diante. Eu havia aprendido, trabalhando no movimento de educação de base e depois no curso sobre educação de adultos que eu fizera no instituto da UNESCO, no México, a realizar uma pesquisa de comunidade. No movimento de educação de base nós chamávamos de estudo de área, depois eu aprendi a dar também o nome de estudo de comunidade ou pesquisa socioeconômica ou pesquisa de condições de vida. Trabalhávamos então com um questionário amplo que levantava a constelação familiar, a pesquisa era aplicada junto à famílias e que depois procurava inventariar condições de vida como saúde, alimentação, educação, comunicação e assim por diante. Essa pesquisa que se generalizou muito pela América Latina, esse estudo de comunidade, não procedia com o rigor da pesquisa experimental em psicologia, mas obedecia também a uma metodologia quantitativa, onde o que interessava era a busca de indicadores comparáveis de qualidade de vida. Assim, um questionário continha perguntas dirigidas a um pai de família, a uma mãe de família em que se buscava conhecer quem era, como se compunha aquela unidade familiar e de que maneira eles representavam, com uma máxima objetividade possível, as próprias condições materiais de reprodução da família e, por extensão, da vida comunitária. Um questionário era elaborado, ele era, muitas vezes, pré-testado, uma amostragem randômica ou aleatória da comunidade a ser pesquisada era estabelecida, a equipe de aplicadores do questionário era treinada para que houvesse uma garantia de objetividade, os dados eram tabulados, processados, porcentagens, gráficos, às vezes com confrontos, por exemplo, com indicadores do censo do IBGE, de uma secretaria de educação ou de saúde e depois procedia-se a uma análise desses dados, muitas vezes num relatório dividido pelos nomes das próprias indicações de qualidade de vida, por exemplo: saúde, habitação, alimentação, educação, a moradia, transporte e assim por diante.

A pesquisa que eu comecei após 74 a realizar com os meus estudantes de universidade, em Goiânia, era agora dirigida a comunidades, mas tinha um rosto bastante mais etnográfico, antropológico, interpretativo e qualitativo, do que um rosto praticamente sociológico, quantitativo e analítico. A alternativa de pesquisa que eu vivenciei então com os alunos seguia duas direções, em uma, nós trabalhávamos em uma comunidade, mas divididos em grupos, os alunos e as alunas tematizavam, escolhiam temas próprios. Lembro-me de uma pesquisa feita com uma turma de alunos na pequena cidade de Nova Veneza, próxima a Goiânia. Um grupo de alunos escolheu como tema Religião na Comunidade, um outro o Trabalho Feminino, o outro, a presença das crianças, a vida cotidiana das crianças, um outro ainda, escolheu o trabalho, estruturas e processos de trabalho na olaria, Nova Veneza tinha então várias olarias. Como é que nós então procedíamos? Escolhida uma problemática, definida uma comunidade de

pesquisa, levantávamos dados no IBGE, na prefeitura se fosse possível sobre ela; buscávamos bibliografia entre livros mais teóricos ou etnográficos de estudos de comunidades e pesquisas de comunidade como aquela em Goiás; nos reuníamos, reunidos trocávamos idéias sobre o que seria mais interessante, o que aquela comunidade dava a ver, às vezes em contatos prévios levantávamos situações-problemas que depois eram trabalhados, eram dialogados como possíveis escolhas de pesquisas. Éramos, então, um grupo maior, uma turma de alunos, tínhamos uma comunidade e levantávamos entre nós várias áreas de interesse, os grupos iam em conjunto ou cada um por sua conta, eu fui várias vezes com os alunos à comunidade e ali procediam à aplicação de pequenos questionários, à realização de entrevistas, à observação de situações cotidianas ou de um dia especial, um fim de semana, um dia de festa da padroeira e assim por diante.

Um outro caminho é aquele em que nós tínhamos um mesmo tema para todos, mas uma certa liberdade de escolha de comunidades e/ou de grupos sociais. Eu vivi essa experiência já em Campinas com uma longa e bem sucedida pesquisa chamada Estruturas e Processos de Reprodução do Saber Popular – Como um Povo Aprende. Dentro de um curso de Antropologia, levantamos essa questão. As pessoas se ensinam e aprendem diversas modalidades de conhecimentos e valores, de competências e capacitações dentro do contexto da família, nos grupos de trabalho, nas igrejas, em associações, em pequenos grupos rituais do chamado folclore brasileiro e assim por diante. Tínhamos uma pergunta: Como é que as pessoas trocam conhecimentos? Como é que se ensina e aprende? Quais são as estruturas pedagógicas patrimoniais e como é que se dão os processos de intertroca de conhecimentos ali? No fim das contas, como crianças são socializadas? Como os jovens se integram no trabalho de uma olaria, de um sítio, de construção de casas, aprendendo após terem aprendido com os mais velhos? Tínhamos essas perguntas, lemos sobre o assunto. Eu me lembro de que pesquisamos livros e livros, sobretudo de Antropologia Social, em busca de encontrar dados a respeito da socialização primária e secundária em contexto extra-escolares, desde tribos indígenas até sociedades complexas. Depois, ou individualmente ou em pequenos grupos, a turma não era muito grande, os grupos eram de duas ou três pessoas, pares, trincas, foram escolhidas situações e grupos sociais. Maria Filomena, que hoje em dia é professora doutora na UNICAMP, fez a sua pesquisa em uma olaria; uma outra aluna, hoje professora também, junto a um grupo de Congos na cidade de Morungaba, um grupo de congada; um outro aluno escolheu a reprodução do saber num contexto político, de sindicatos de trabalhadores da construção civil; um aluna, a única aluna participante de um curso de pós-graduação, escolheu a reprodução do saber entre benzendeiras de Campinas.

Em alguns momentos mais atrás, eu dizia como, seja ao longo de um processo de formação, seja no preparar uma aula, seja no trabalho entre os alunos, com os alunos, o exercício da criação do conhecimento pode ser através de uma pesquisa teórica, francamente teórica, e eu então falei de pesquisa

filosófica, um estudo, um confronto de autores de textos, de idéias, pode ser uma pesquisa documental, muito comum na História e por um desdobramento hoje em dia na Educação, nas Ciências Sociais e pode ser uma pesquisa empírica e como uma pesquisa empírica, uma pesquisa mais rigorosamente experimental, ou mais rigorosa e sensivelmente etnográfica, qualitativa, pode ser uma pesquisa fundada no interesse de levantar dados e confrontá-los e pode ser uma pesquisa interessada em considerar falas, visões de mundo, o discurso de uma categoria, por exemplo, a mulher, mãe de criança em idade escolar, ou então as próprias crianças numa escola. Ora, eu vivi uma experiência que hoje em dia se generalizou bastante que é uma espécie de desmontagem das barreiras, das fronteiras únicas, das competências científicas exclusivas e intransponíveis, vivi experiências de pesquisa quali-quantitativa muito antes de ouvir falar nessa expressão, situações em que um questionário continha perguntas fechadas e bem abertas e se de um lado nós comparávamos os dados estatísticos, tabelas e porcentagens, de outro lado tínhamos falas, discursos, tínhamos uma opinião emitida e escrita que era analisada no confronto entre as várias visões, entre as várias concepções. Muitas vezes fizemos pesquisas em que, ao lado de um questionário de coletas de dados, eram escolhidas pessoas entrevistadas e nós fazíamos uma leitura crítica de suas falas, de suas visões, ou num sentido amplo, no que pensa essa gente que aqui vive, ou num sentido mais restrito, de que maneira essas pessoas concebem a religião, a vida social, a sua própria condição de vida e assim por diante.

Uma tal abertura nos permitiu, isso é algo que pode ser vivido, inclusive, no ensino fundamental, a proposta de um curso, de um tipo de pesquisa ao mesmo tempo simples e complexa, diferenciada, que se abra por exemplo a uma leitura mais teórica e de fundamentos, um grupo de alunos pode se responsabilizar por isso ou toda a turma, num primeiro momento de trabalho coletivo, pode responder por isso. Escolhido o tema, buscar a bibliografia, bibliografia que eu costumo colocar em quatro patamares, primeiro a mais amplamente teórica a respeito da questão, a minha pesquisa tem a ver com a experiência cotidiana das relações entre as pessoas e entre as pessoas e o saber numa escola assumidamente construtivista, então vamos buscar livros, artigos, textos, de Piaget de Vigoski, de Emília Ferreiro, de quem quer que seja, textos críticos, Milton Duarte e tantos outros mais, a respeito dos fundamentos das várias visões do construtivismo, vamos ler textos que tem a ver, num segundo patamar, a teoria próxima, se a escola tem uma visão definida, uma escolha definida com relação à sua opção construtivista, vamos em busca da bibliografia, muitas vezes indicada pela própria diretora, pelas supervisoras, por professoras da escola, vamos em busca da bibliografia que represente uma leitura próxima do construtivismo praticado ali, naquela escola. Vamos, depois, em busca de uma bibliografia de cunho metodológico, nós queremos definir uma pesquisa, ela vai envolver um trabalho teórico, uma busca de documentos, uma leitura crítica desses documentos, vai envolver questionários, entrevistas, observação participante, vamos ler, vamos estudar, vamos não só buscar textos

de metodologia, essas várias alternativas de pesquisa, mas também, e isso é muito importante, pesquisas já realizadas, e essa seria a quarta modalidade, etnografias, monografias, sociografias, psicografias ou o que seja, de pesquisas que tenham a ver com o nosso próprio tema. Os alunos podem se dar a esse trabalho, a equipe completa, levantar a bibliografia da teoria ampla, de teoria concentrada, de metodologia e encaminhamento da pesquisa e finalmente a bibliografia de trabalhos já realizados, publicados em geral em artigos de revistas especializadas sobre o tema direto do nosso interesse.

O segundo momento pode ser o de uma pesquisa propriamente documental, é aquele em que, nesse mesmo contexto da escola, nós vamos buscar nos documentos da própria escola os seus fundamentos teóricos, a metodologia de trabalho, e também documentos que nos deixem ver os próprios resultados da opção feita, pode ser o caso em que nós procuremos ter acesso a registros escolares dos professores, aos próprios trabalhos dos alunos. Essa pesquisa documental se estende a várias situações e muitas delas são muito gratificantes. Lembro-me, por exemplo, de uma pesquisa não realizada, mas pensada por nós, em que num contexto de memória da escola nós iríamos trabalhar com velhos textos escritos numa escola do passado, ou em turmas do passado de uma escola ainda existente, trabalhos escolares, redações guardadas, provas dissertativas, onde fosse possível, não tanto encontrar resultados pedagógicos, mas uma visão de mundo traduzida na maneira de como as pessoas escreviam e se escreviam naquele tempo. Documentos buscado numa pesquisa podem ser complementados, por exemplo, censo estatísticos como eu citei, eu citei de IBGE, de secretarias, de ONGs e assim por diante, que apenas complementam os nossos próprios dados de questionários, de entrevistas, de observações participantes, de pesquisas participantes. Podem ser documentos oficiais, por exemplo, na pesquisa de uma pequena cidade do interior, a busca de documentos do passado em que se inscreva a história escrita, posta em registro obtidos na prefeitura, na câmara de vereadores, na igreja, nas escolas e assim por diante. Mas, hoje em dia também essa idéia de pesquisa documental se abre maravilhosamente, nós podemos, numa pesquisa na escola, na comunidade, onde quer que seja, trabalhar com documentos pessoais, com cartas, com diários íntimos que nos sejam emprestados, com relatórios, com escritos posteriores a reuniões, com atas, com tantas e tantas modalidades de registro de um passado ou de um presente deixado por escrito. E essas pesquisas tinham e devem ter sempre uma dimensão também empírica. Eu digo sempre, mas esse sempre é relativo, existem situações, por exemplo, num curso de História a pesquisa pode ser concluída entre a investigação teórica do tema ou a volta do tema e a pesquisa da documentação historiográfica a seu respeito, mas ela pode se desdobrar num outro momento, procurando conhecer a história de uma pequena cidade, de uma comunidade rural, de um bairro a vota de uma universidade, eu posso trabalhar também com a memória oral, com a história social, posso ir às pessoas, por exemplo, os habitantes mais velhos, homens e mulheres mais velhos, ou então às pessoas notáveis, os

pequenos sábios do lugar e entrevistá-los e pedir que contem a sua vida, sua história de vida e pedindo que contem a sua vida contem a história daquele lugar, não uma história registrada, oficial, posta por escrito, consagrada e nem sempre verdadeira, mas a história vivida, memorizada, contada, dita, descrita por pessoas em entrevistas conosco.

Não devemos mesmo esquecer, que em experiências em pesquisa na docência, o mais importante é o trabalho individual ou coletivo da experiência de criar conhecimentos e aprender através disso, com base em alguma alternativa de pesquisa científica, filosófica, artística, onde o que importa de fato é a formação de nossos estudantes, é a formação de futuros pesquisadores ou, numa outra dimensão, a formação de pessoas com senso crítico, com uma capacidade maior de criatividade a partir do que viveram e aprenderam nas suas experiências de pesquisa. Essa é uma diferença muito essencial, uma coisa é a pesquisa feita pelo professor no processo de sua auto formação, ou então a pesquisa integrada com apoio de um CNPq, destinada a produzir teoria, a produzir empiria a respeito de uma determinada questão ou de um determinado tipo de problema social, outra coisa é a pesquisa realizada com alunos, entre alunos e através de alunos, onde o objetivo fundamental, essencial, é a formação desses alunos, a formação como pessoas, a formação como futuros educadores e a formação como pesquisadores, através da pesquisa. É uma situação em que de uma maneira muito clara e definida, a experiência da pesquisa é subordinada, ela serve a experiência didática à formação de pessoas numa vivência de educação que incorpora práticas de pesquisa como um momento dessa própria formação.

Penso que, dessa seqüência narrada e memorizada de experiências, alguma coisa mais poderia ser dito sobre essa experiência da pesquisa no trabalho docente. Quero enfatizar aqui dois aspectos, talvez mais de dois. Um, aquela idéia de que, dentro do meu ponto de vista, eu sinto que eu comparto com várias outras pessoas, a experiência da pesquisa em sala de aula é um caminho muito bom para se relativizar para se desqualificar todo esse ar competitivo, concorrente que tem impregnado a escola de hoje. Eu acho que nós poderíamos aqui lembrar uma frase de Piaget, eu nunca soube de que livro, mas que me parece muito importante quando ele diz: “Eu não creio na pesquisa solitária, eu creio na pesquisa solidária”. Nos meus tempos de pró-reitor eu tinha, inclusive, pregado no quadro de avisos essa frase em grandes letras. Sempre em um espírito de equipe, sempre a possibilidade, desde a Educação Infantil, e sim, é possível fazer trabalhos semelhantes ali, com as crianças, em todos os níveis e momentos da educação fundamental e também na universidade, é possível substituir a competição pela cooperação. O trabalho entre concorrentes pelo trabalho de pessoas que sentem juntas, mesmo em equipes diversas, criando algo que é uma partilha que envolve estudo, troca de idéias, diálogos, construção conjunta. É interessante notar como é que, de alguma maneira, há todo um propósito em agências donantes de verbas como FAPESP, CAPS, CNPq, em incentivar projetos solidários, projetos integrados

envolvendo equipes corporadas que vão desde estudantes de graduação, de início da graduação, até professores doutores. Claro que dá um ar de competição em tudo isso, mas esse já é um caminho.

O segundo aspecto já foi recém colocado, é a ênfase na formação dos alunos. Muitas vezes, eu quero repetir isso, na universidade a experiência da pesquisa, eu quase que diria, o direito à pesquisa do professor é alguma coisa aposta, oposta ao trabalho de ensinar, o tempo da pesquisa é um tempo solitário, recolhido, se possível, a tempos de licença, longe dos alunos. Como seria interessante lembrar a maneira, não só no passado remoto e próximo, como agora no presente, grandes pensadores de todas as áreas, nas ciências da natureza, nas ciências sociais e humanas, na Filosofia e até mesmo, em muitos casos na Arte, como é que grandes pensadores, grandes educadores estiveram o tempo todo trabalhando junto aos seus alunos, produzindo com equipes de alunos, mesmo quando uma hierarquia era, sobretudo segundo padrões europeus, observada, havia uma empenho em que uma equipe de pessoas, pensando juntas, criando juntas, pesquisando juntas, convivesse essa aventura do criar saberes, do descobrir o novo através de um trabalho que é de um e é de todos.

O que interessa, o que é a razão de ser da experiência da pesquisa nesse caso, eu repito, é, primeiro, a formação competente de alunos como futuros pesquisadores, isso não é uma novidade, inclusive muito incentivada no caso da iniciação científica e poderia ser, por que não, estendida a todos os outros, mas não só isso, não se trata de inserir nos cursos de graduação, de pós-graduação, ou no colégio e na universidade para apenas formar instrumentalmente futuros pesquisadores. Eu acho que há uma razão intelectual, uma razão cultural, uma razão pedagógica que abre essa aí, que é mais ampla e incorpora essa aí, que é criar entre os alunos, se possível desde o começo de suas carreiras como estudantes, a idéia de que muito melhor do que um aprendizado empacotado de empilhamento de conhecimentos prontos e ditos, dados por um professor a uma turma é o conhecimento que se resolve criar juntos, a respeito do qual há acordos, há consensos e há um trabalho participativo de construção, modesto e simples, pesquisas que podem ser feitas muitas vezes em alguns dias, mas onde de alguma maneira as pessoas estão vivendo ali, no construir aquilo, a experiência essencial da educação, a integração entre a vivência do cotidiano e a reflexão crítica e alargada a respeito desse cotidiano e dos círculos de vida, em todos os planos, que o cercam e que o estendem mais além.

Há uma terceira razão de ser desse tipo de experiência que é um alargamento do conhecimento. Não apenas aprender a ser pesquisador, a fazer pesquisas, não apenas um aprender a criar os seus saberes e a confiar nos seus saberes criados através de participar de situações de pesquisa, mas também, e com muita relevância, um aprender a pensar criticamente através do processo de construção na pesquisa dos seus próprios saberes. Eu posso desenvolver a minha consciência crítica a respeito do lugar social onde eu vivo, ou a respeito do mundo mais amplo onde eu vivo, lendo obras de autores críticas, de um Max

Weber a um Marx, por exemplo, de um Otaviano a um Florestan Fernandes, mas se eu puder fazer isso, praticando por minha conta, desde um estudo teórico sério e comparativo, nunca centrado em apenas um autor ou uma única escola, nunca fechado, nunca possível de ser semi-fanatizado, é evidente que a minha consciência crítica, a minha capacidade de pensar autonomamente, a minha reflexão cidadã como professor ou como aluno não irá aumentar muito, eu não só estarei aprendendo a partir da leitura dos outros que me ensinam através do que escreveram ou através do que me dizem, mas eu estarei, ao problematizar o meu próprio estudo teórico e ao partir para experiências compartilhadas, partilhadas de investigação de meu mundo social, de meu mundo pedagógico, eu estarei criando o meu próprio patamar de crítica, de construção dos meus próprios dados, dados empíricos, quantitativos, qualitativos, interpretativos, analíticos, ou seja lá o que for, mas dados meus, com os quais eu posso me colocar frente aos autores e então estabelecer aí um diálogo, não digo de igual para igual, mas pelo menos, de próximo para próximo.

Uma outra razão de ser da experiência da pesquisa na docência, estaria em que ela talvez seja a prática mais criadora de um sentido produtivo da atividade na sala de aula. Muitas vezes nós ficamos inventando atividades, inventando joguinhos, pequenas dinâmicas de grupo para quebrar a hierarquia, a verticalidade do cenário da sala de aula. Ora, quando uma turma se propõe a um que fazer prolongado, que envolve dois meses, quatro meses, um semestre inteiro, um ano inteiro, essa equipe se vê transformada de um breve grupo ou de uma turma amorfa numa equipe ou num conjunto de equipes que respondem por uma tarefa, que inclusive se criam como um nós responsável por um trabalho a ser produzido, não para ser avaliado, para acabar numa nota e aprovação, mas um trabalho onde muito mais importante que o produto final é o processo, passo a passo, até a chegada a ele.

Devo dizer alguma coisa a respeito das dimensões de qualidade dessas pesquisas. Quando lemos um importante pesquisador, um antropólogo como Roberto Da Mata, como um Darcy Ribeiro, um Roberto Cardoso de Oliveira, Otávio Alves Velho, ou então alguém de fora como um Malinowski, um Clifford Geertz, nós vemos que em todas essas pesquisas, ou melhor, em todas essas pessoas existem produções acadêmicas, produções de trabalhos científicos de tamanhos físicos e também de qualidades diferentes. Breves informes de duas três páginas, ao lado de livros que consumiram anos de vida que têm seiscentas páginas, pesquisas que derivaram de dissertações de mestrado, teses de doutorado e às vezes uma etnografia de um acontecimento de fim de semana. Eu mesmo vivi na minha vida, primeiro como aluno e depois como professor, até hoje vivo isso, essas mesmas várias situações.

Reconheço que algumas pesquisas são breves, outras longas, algumas envolvem toda uma questão teórica profunda que se resolve também através de um trabalho empírico de peso, extremamente consistente, algumas apenas querem trazer uma descrição simples de uma festa, de um ritual, de uma experiência sócio cultural qualquer. Elas não são pesquisas menos sérias, mais

sérias, de maior ou menor valor, pela quantidade do papel que gastam, elas são dimensões diferentes de um mesmo processo. O importante é que isso seja dito com clareza. O importante é que, ou num trabalho solitário de pesquisa científica, ou, principalmente, num trabalho realizado com uma turma de alunos, seja dito primeiro entre eles, como uma negociação antecipada e depois se o trabalho é publicado de alguma maneira dito para leitores, quais as intenções, quais as motivações, qual o tipo de investimento de tempo, qual a intenção de realização, primeiro de uma pesquisa e depois de um trabalho científico posto por escrito, ou posto por um filme, ou por exemplo, posto por uma seqüência de fotos, se for uma pesquisa de Antropologia visual como eu já vivi mais de uma vez. Dou exemplos meus. Na minha vida de professor de Antropologia, eu realizei sozinho e por minha conta, pesquisas de ano e meio de ida ao campo, como por exemplo “Os deuses de Itapira”, depois o livro “Os deuses do povo”, que foi a minha tese de doutoramento. Os meus trabalhos, a partilha da vida e o trabalho de saber feitos na mesma comunidade rural da Serra do Mar, Catuçaba em São Luís do Paraitinga, São Paulo, demandaram pelo menos quatro anos de idas e vindas e uma enorme intimidade com a comunidade, além de um trabalho de aplicação de questionários e entrevistas e longos e longos momentos de sistemática observação participante. Por outro lado, uma vez em Perinópolis, eu fiz uma etnografia de uma semana santa e depois publicada como um capítulo de um livro, chamado “A cultura na rua” e que me tomou apenas uma semana, a semana santa, de uma Segunda feira a um Domingo. Uma vez em Ouro Preto, entre uma manhã de Sábado e uma tarde de Domingo, eu fiz registros e observações, gravações ao vivo de pequenos momentos de festa e isso deu origem a um artigo, incluído nesse mesmo livro de que eu gosto muito sobre arte e artesanato em Ouro Preto. O leitor sabe, é dito com clareza, qual o alcance, qual a dimensão, da mesma maneira como nos tempos em que eu trabalhava mais com as pesquisas experimentais quantitativas, regidas por rígidos princípios de estatística e que eu vivia de um lado o simples levantamento estatístico, um breve levantamento para obter dados a respeito de uma regularidade simples sem a definição de hipóteses de trabalho, sem o envolvimento teórico mais profundo, muitas vezes uma pré pesquisa de que sairia o projeto de uma pesquisa mais significativa. Outras vezes, como eu disse antes em alguns momentos, eu vivi experiências de pesquisa com os meus alunos e também sozinho, ou então em contexto de movimentos populares, como em Goiás, em que nós elaboramos um projeto, discutimos longamente os fundamentos que iriam embasar o nosso olhar teórico sobre uma questão, construíamos e testávamos os instrumentos de trabalho, definíamos claramente uma amostragem, aplicamos rigorosamente os questionários e levávamos na prática, pelo menos em um ou dois casos, mais de um ano trabalhando para produzir um resultado final.

Isso deságua numa outra questão, nos tempos dos começos dessas minhas experiências, não lidávamos com o momento antecedente da elaboração de um projeto de pesquisa. Na verdade, o que nós tínhamos era uma proposta

de fazer alguma pesquisa inserida num semestre de aulas. Quase sempre um semestre, raras vezes um tempo maior do que isso, um ano e raras vezes um tempo menor do que um semestre, por exemplo, um ou dois meses. Tínhamos pouco tempo, preferimos mais discutir as questões do que propriamente construir um projeto. Isso cria problemas. Muitas vezes, por exemplo, o professor é obrigado a intervir e antecipar caminhos da pesquisa com maior diretividade do que seria desejável. Uma negociação lenta, um trabalho de demorada construção com os alunos, muitas vezes se perde por uma certa urgência pragmática em realizar um trabalho todo dentro de um semestre, sobretudo em situação em que depois a turma toda se dispersa.

Mais adiante, quando eu vivi projetos bem mais complexos, como por exemplo o grande projeto Homem – Saber – e Natureza, que envolveu mais de vinte pessoas da graduação ao doutorado da UNICAMP e que teve uma verba razoável da FAPESP, aí sim, houve discussão antecipada, houve uma longa elaboração de um projeto e depois a criação de sub-projetos que realizavam as sub-pesquisas da pesquisa maior, essa que tomou o nome de Homem Saber e Natureza. Eu acho que também isso deve ser jogado na conta da sensibilidade do momento e das intenções do trabalho. Muitas vezes é interessante, sobretudo quando há tempo e há uma motivação para isso, vivenciem uma proposta de pesquisa, por mais simples que seja, desde as primeiras conversas que deságuam na elaboração, se possível, de um projeto, mesmo que no fim das contas um sozinho escreva, mas que ele escreva em cima do que foi debatido, negociado e estudado, até a elaboração de um relatório final, ou às vezes de um filme, ou de uma exposição, ou outras várias alternativas de trabalho. Essa experiência pode começar, inclusive, através do levantamento de uma bibliografia que envolveria, primeiro: artigos e livros especificamente sobre epistemologia, sobre questões teóricas relativas ao tipo de pesquisa com que se vai trabalhar e sobre metodologias concretas do trabalho de pesquisa, qualquer que seja a sua modalidade, pesquisa teórica, pesquisa documental, pesquisa empírica, ou então, e isso é muito desejável, um cruzamento dessas várias alternativas dentro de uma mesma ampla pesquisa. Em segundo lugar, uma leitura bibliográfica inteligente, não precisa ser muito ampla, a respeito de elaboração de projetos de pesquisas, na própria UNIUBE existem documentos, inclusive de valor, a respeito de elaboração de projetos de pesquisa científica.

Penso que poderia terminar esse depoimento dizendo uma coisa que não é muito usual em tal tipo de trabalho. Vivi com minhas alunas e meus alunos desde quando um jovem professor de vinte e oito anos até hoje, já aos sessenta e um, as mais diferentes experiências. Trabalhei com alunos só, como auxiliar de pesquisa, com um dupla, trabalhei com turmas inteiras durante um curto tempo, durante um longo tempo. Fizemos pesquisas de fins de semana, fizemos pesquisas de todo um ano de trabalho. Pesquisas das mais “ortodoxas” e pesquisas que nos permitiam o cruzamento entre a fotografia, a filmagem, a etnografia e quase uma teatralização de situações. Pesquisas muito bem realizadas, inclusive ao cabo do trabalho, publicadas. Pesquisas raras, mas isso

aconteceu que acabaram ficando pelo meio, ou porque o tempo foi mais curto que as nossas ambições, ou porque o interesse foi provisório, momentâneo e não havia como e por que ir até um fim desejado.

O que importa dizer são duas coisas. Em primeiro lugar eu acredito que houve um efetivo processo de formação de pessoas através da pesquisa. Isso é muito diferenciado. Isso, entre a Universidade Federal de Goiás e aqui, a Universidade de Uberaba, foi vivido de maneiras muito desiguais para que eu possa, de repente, fazer uma avaliação única. Mas não foram poucos, não tem sido poucos os depoimentos de velhas alunas, hoje avós e doutoras e também pessoas com que eu estou trabalhando agora que me dizem: “Se eu aprendi algo mais sobre pesquisa, ou se eu aprendi a pensar de uma maneira um pouco mais crítica o meu mundo, foi aqui dentro dessa experiência que nós vivemos ou que nós estamos ainda vivendo”.

Por outro lado eu acho que em boa medida isso se deve também ao fato de que eu sempre tive a preocupação de criar um clima o mais horizontal possível, o mais co-responsável possível. Sempre havia um professor, sempre havia “uma autoridade docente” dentro da sala de aula, mas, antes de mais nada, sempre havia uma equipe que combinava em conjunto os seus procedimentos de trabalho, que inclusive investia afetivamente um desejo de realizar aquilo. Eu tenho enormes lembranças gratificantes de quantas e quantas experiências numa cidade como Goiânia, numa cidade menor como Goiás, menor ainda como Catuçaba, num fim de semana ou em longos dias, de uma convivência fraterna entre as pessoas. Quantas vezes e em quantas situações íamos juntos e convivíamos juntos, fazendo a comida, nos arranjando para dar ordem numa casa, dormindo juntos, acordando e estudando juntos, enfim, vivendo o lado solidário dessa experiência universitária e que infelizmente às vezes se vê tão adoecida de individualismo e de solidão.

Se eu pudesse representar com uma imagem e não apenas com uma idéia o que foi toda essa experiência, ela bem poderia ser um conjunto de alunas e alunos sentados no chão de uma sala, como por exemplo na Rosa dos Ventos, cada um com suas folhas de papel, cada um com seus livros e registros e nós a volta de um círculo, trocando idéias, combinando alguma coisa a ser feita ou então rememorando alguma coisa que foi feita. Eu me lembro de rostos felizes e alegres, eu me lembro de expressões de novidade nos olhares das pessoas e no meu próprio olhar. A imagem que me vem é uma imagem muito feliz e se me perguntassem as várias razões de ser de se inserir, desde a educação infantil até uma universidade, diferentes alternativas de momentos da pesquisa na docência, eu daria as várias razões que dei aqui, acho que elas fazem sentido, mas eu terminaria por dar essa, eu acho que essa é uma experiência que acende o fogo, que colore o preto e branco, que põe música e vida nesse marasmo, às vezes tão aborrecido, que é a reiteração da repetição do que a cada ano fazemos, com o mínimo de novidades, com o mínimo de inovação, na sala de aula.

A pesquisa, por ser uma busca solidária do novo, nos obriga à novidade, não a novidade vazia, não é uma espécie de um pequeno carnaval de idéias, pelo

contrário, eu disse aqui em momentos anteriores, de quantas e quantas vezes, já nas primeiras experiências goianas, nós passamos fins de semana e longos pedaços de noite tabulando aborrecidos questionários e tirando à mão ou então naquelas máquinas de calcular de bancos, horríveis e demoradas, as nossas porcentagens, mas ainda aí havia um ar de alegria, um ar do tipo: se outros fizeram, por que não podemos fazer também? Se fizeram bem feito, com rigor, com seriedade, por que só lá nos Estados Unidos? Por que que em Nova Iorque e não aqui em Goiânia ou Uberaba?

Eu entendo que a sequência das fitas gravadas no Mosteiro da Anunciação do Senhor, lá em Goiás, elas quase que completam a dimensão mais de história de tudo isso. Eu fui relatando momentos de história, fui refletindo sobre tudo isso. À partir de agora, eu começo a entrar numa parte em que o que importa é uma reflexão sobre atualidade, sobre como eu vejo o trabalho da pesquisa, da iniciação científica na experiência do trabalho do professor.

Hoje de manhã me veio uma ideia que talvez deva ser gravada aqui antes de outras, porque tem a ver com o próprio mini-curso que eu estarei provavelmente dando a partir de amanhã ou de Terça feira lá em Caxambu. A questão tem a ver com a cultura na escola, tem a ver com o cotidiano na escola. Grande parte dos livros que eu leio hoje em dia a respeito de escola, de pesquisa da escola ou na escola, de alguma maneira envolve essa questão do cotidiano da escola, é como se de repente a escola se descobrisse dona, senhora, ou quem sabe serva de um cotidiano. As relações entre as pessoas, isso que eu estou chamando aqui de uma cultura escolar, de uma cultura da ou na escola. Às vezes parece que de dentro da escola para fora, toda pesquisa que ela venha fazer poderia tomar esse ar, esse estilo, essa dimensão mais interativa, mais cultural, se quisermos, mais próxima a um olhar fenomenológico.

A escola não como uma estrutura, mas como um fenômeno, ou como um emaranhado, um conjunto interativo de fenômenos que são as relações entre pessoas, entre pessoas e a instituição, entre pessoas e pessoas, entre pessoas e seus símbolos e significados, tal como eles aparecem, tal como eles se inscrevem na experiência do cotidiano, numa manhã de Segunda feira, na tarde de uma Terça, no quase começo de um fim de semana e assim por diante. E numa outra direção de lá para cá, parece que uma tal abordagem mais fenomenológica, mais cultural, mais interpretativa, por enquanto vou usar todos esses nomes, ela invadiria a escola, ela traria de outros campos de investigação social, onde talvez isso tenha começado com muito mais intensidade, a vida cotidiana na família, nas comunidades, na experiência pessoal e interativa, no campo da religião e assim por diante, é como se isso de repente tenha invadido a escola, é como se educadores e pesquisadores da educação tivessem descoberto que a escola é ela também um lugar que abriga esse cotidiano, ela não está fora disso, ela não está a parte, muito pelo contrário, talvez seja uma das instituições de práticas sociais mais mergulhadas numa cotidianidade.

Eu faço um pequeno paralelo, já que eu trouxe aqui o exemplo da religião. Se nós quiséssemos constituir uma paróquia católica e isso já foi feito

tantas vezes, como objeto de uma pesquisa do cotidiano, essa paróquia tem uma regularidade de acontecimentos talvez mais alternada, ela tem os momentos de porta fechada, nem todos os dias são domingos, são talvez poucos e intercalados os dias da semana ou então os momentos do dia em que pessoas vêm e se reúnem e criam alguma coisa juntas e celebram e vivem as suas orações ou então realizam cursos. Enquanto uma escola, eu penso numa dessas escolas de segundo grau, por exemplo de uma periferia de São Paulo, elas podem ter um tempo de existência funcionando ao longo de toda a semana e ao longo de todo o dia, de manhã o matutino, de tarde o vespertino, de noite o noturno e mais atividades que venham a rolar, a acontecer nos fins de semana. Há uma vida de interação entre as pessoas, mesmo que talvez ela possa parecer rotineira, muito grande, muito intensa.

Quando nós dizemos: o cotidiano da escola, ou a escola com um cotidiano, ou pesquisa do cotidiano da escola, o que é isso? O que que nós temos diante de nós? Ou o que que se coloca? O que que está colocado em jogo aí? E nós podemos começar agora a exercitar a imaginação, a brincar com as várias alternativas. Sim, porque só desde um olhar muito uniforme e muito pobre, esse cotidiano apareceria como algo linear. Um olhar um pouco mais interrogativo, um pouco mais aberto a ver as diferenças, encontraria uma série de situações diferenciadas e se obrigaria a um conjunto muito maior de perguntas.

O cotidiano da escola, ele prioriza a dimensão institucional dessa instância pública ou particular, onde se realiza uma prática social regida pela pedagogia em nome da educação, onde as relações entre as pessoas são dominadas pelo par: ensinar e aprender, ou ela privilegia a outra face, a face não da instituição oficial, formal, com seu estatuto e regimentos, com a sua hierarquia de poder e saberes, com a sua estrutura reguladora de espaços, de posições e relações interpessoais, de determinação das práticas válidas, toleráveis e não válidas, mas o outro lado, poderia ser o outro lado, a escola tomada como um lugar cultural, como um cenário cultural de interações. As pessoas que vivem numa comunidade, que vivem nos diferentes modos e momentos das culturas numa comunidade, elas convivem no parque, na praça, em casa, nos círculos da vizinhança, na rua, elas convivem na feira, elas convivem dentro do mercado, elas convivem nos diferentes templos ou lugares de vida religiosa, na associação de bairro, numa agência suponhamos, do SESC ou do SENAC, que tenha ali oficinas de arte e artesanato e assim por diante e convivem na escola, se encontram na escola como também se encontram na delegacia de polícia, no posto de saúde. A escola se inscreve como um desse lugares cultura entre outros, claro ela tem a sua especificidade, ela tem tudo aquilo que eu acabei de falar, mas do ponto de vista sobretudo das pessoas que a reconhecem como um lugar significativo, ou que vivem ali há anos, funcionários, professores, pais de alunos em momentos significativos da sua cotidianidade, de qualquer maneira a escola é um lugar de interações, um lugar

cotidiano de estabelecimento e vivência de interações com um propósito como vários outros.

Uma primeira pergunta a um pesquisador do cotidiano da escola poderia deslocar o próprio sentido de escola para outras dimensões. Se eu perguntasse não, o que é a escola aqui neste lugar, como ela se instaura aqui, como ela é acolhida aqui nessa comunidade, como ela se organiza, como ela coloca aqui um padrão de organização institucional, previsto, por exemplo, pelo que seria a legislação de educação do município de Caldas, no sul de Minas Gerais, eu poderia deslocar essa pergunta para um outra, mais ampla, que seria: Quais são os contextos? Quais são os lugares de comunicação entre as pessoas? Em que se dá, de alguma maneira, uma relação que mesmo não formal e oficial, tenha uma dimensão propriamente pedagógica? Ou seja, quais são os lugares e momentos desse lugar comunidade, uma comunidade rural, uma periferia de cidade, um bairro comum de uma cidade de porte médio, ou a fração desse bairro, quais são os lugares onde pessoas ao se encontrarem ou ao conviverem por um período breve, médio, longo ou muito longo de suas vidas, vivenciam inclusive com graus variáveis de motivação quanto a isso, experiências de ensinar e aprender, ou então como eu costumo dizer, situações de criação interativa do saber e conseqüentemente do aprender. Isso parece bater numa velha história, numa questão antiga, mas na verdade isso recai sobre um conjunto de questões da maior importância, muito grande, inclusive esse olhar ajuda a compreender de uma maneira mais generosa o próprio que fazer, o próprio sentido da presença da escola naquele lugar. Vamos trabalhar isso.

Em que lugares e em que situações crianças, adolescentes, jovens, adultos e até idosos vivem momentos em que há alguma intenção pedagógica? Há um primeiro círculo de relações desse tipo, reconhecido por todo mundo, inclusive sempre levado em conta quando se pensa a questão da escola que é o círculo das relações familiares, das relações de uma criança e sua mãe e seu pai e seus irmãos e a constelação, uma pequena constelação, o que nós chamamos em Antropologia em o grupo doméstico, digamos, os habitantes regulares de um mesmo locus de moradia, uma casa, um lar, um domus, no seu sentido mais simples, onde muitas vezes uma babá, em empregada doméstica, ou uma avó, ou uma comadre que ali vive ou que passa ali muitas horas de sua vida, tem uma importância significativa principalmente com relação a esse aspecto. É no contexto do grupo doméstico, dessa unidade em geral constituída por uma família nuclear, mãe, pai e seus filhos, mas que em muitos casos pode estar reduzida, o pai já não está lá, ou então ampliada, moram mais dois irmãos da mãe, ou uma avó, mãe de um dos pais e assim por diante, é nesse cenário que se dão e continuam se dando ao longo da vida relações de propósito pedagógico de muita importância, inclusive porque é nesse cenário que se passa relações formadoras de uma identidade, de uma consciência e informadoras de gramáticas sociais, por exemplo, o aprendizado da língua materna, de grande valor antes do próprio ingresso da pessoa, da criança numa escola. Não quero

falar mais muito a respeito disso, porque talvez seja, digamos, o círculo de relações pedagógicas não escolares mais conhecido.

Há um segundo, muito menos levado em conta quando se trabalha com cotidianos a volta do ensinar e aprender e que, pelo menos quando eu penso a partir da minha própria experiência de vida, tem um sentido muito grande que é o que nós chamamos em Antropologia, o círculo de idade, ou grupo de idade. Quando eu fiz a minha pesquisa em São Luís do Paraitinga, eu cheguei a dizer que em boa medida as crianças e principalmente os adolescentes sempre submissos ou durante grande tempo de suas vidas submissos a uma família ou a um grupo doméstico, eles estão continuamente tentando escapar, tentando sair daí para se encontrar com um grupo que, principalmente na adolescência, vai tomar uma importância enorme que é o grupo de idade, onde não estão mais seres que têm comigo uma relação escalar, hierárquica, meu pai, minha mãe, meu irmão mais velho, meu padrinho, mas onde estão os seres como eu, onde está a experiência primeira das relações de crianças e adolescentes onde do nada se constrói um lugar de existência, uma experiência de convivência. É no âmbito da própria família nuclear, quando ela era, quando ela ainda é grande, quando há por exemplo muitos irmãos, que esse primeiro círculo dos iguais, dos grupos de idade aparece e é na parentela, é no grupo de parentesco, que é essa integração das várias famílias nucleares ou grupos domésticos de um mesmo tronco, o conjunto de irmãos casados e irmãs casadas que continuam vivendo numa mesma comunidade, num mesmo bairro, ou numa mesma cidade, há lá também os pais que permanecem, é nesse círculo de parentesco dos sobrinhos, dos primos, dos afilhados que em geral se estende, no passado se estendia esse tão importante grupo de idade, esse grupo dos iguais. Quem tenha vivido intensamente como eu vivi essas turmas de amigos, essas pequeninas gangs de meninos e mais tarde de meninos e meninas, há de saber do enorme valor, do poder muito grande que eles têm enquanto espaço de pedagogia, a começar por isso que eu acabei de falar, mais do que a escola, mais do que o grupo doméstico, são nesses lugares que meninos e meninas estão livres para experimentarem ou terem que criar as suas próprias normas, os seus princípios de convivência, a sua própria pequena hierarquia entre iguais, uma coisa tão difícil e as vezes tão inevitável. Esses são os lugares em que meninos e meninas se encontram para criar a experiência do próprio inventar a sociedade.

Ali, no seu pequeno exíguo círculo de relações. Muitas vezes, inclusive nós sabemos como esses grupos de idade, essas equipes de amigos, essas pequenas gangs invadem a própria escola e reordenam no seu âmbito aquilo que numa outra dimensão são as turmas de alunos, as salas de aulas e assim por diante. O lugar recreio na escola muitas vezes é o momento de permissão para que aflorem esses grupos cuja vida e vitalidade é tão importante na socialização de crianças e adolescentes. Ainda que não tudo, mas uma boa parte do que é uma formação de identidade, o que é um sentimento de eu entre os meus, não no círculo familiar ou da escola, onde tudo ou quase tudo está predeterminado, mas num espaço onde resta criar o como somos, quem somos, para o que

estamos aqui, como devemos estar e nos organizar para conviver isso, para conviver neste lugar que nós estamos criando, é mais aí do que na própria família ou na escola que grandes questões de identidade, de consciência de mim mesmo se estabelecem, sem dúvida alguma.

Um terceiro círculo, um terceiro cenário dessas relações, ele fica justamente entre a escola e o puro grupo de idade, o puro grupo dos amigos, a turma de colegas e eu gosto de chamá-lo o grupo de tarefas, o grupo de interesse, no bom sentido da palavra. Ele representa muito uma espécie de formalização, de institucionalização do puro grupo de amigos, porque enquanto no grupo de amigos há diferença de escola, de família e de tudo mais, a razão pela qual as pessoas se encontram é o próprio encontrar-se e conviver, é, eu diria que a relação é determinada pelo desejo da convivência, nessas outras situações entra um novo ingrediente que é um que fazer. É em função de um propósito estabelecido e acordado que começa a mobilizar o próprio sentido de estar ali e conviver com aquele grupo, que o grupo de interesse tem como seu nascedouro. É muito fácil verificar isso, por exemplo num grupo de amigos, doze amigos que se encontram na rua e que brincam, jogam bolinha de gude, inventam peladinhos de futebol e fazem mais isso ou aquilo e de repente surge, ou por iniciativa deles, ou então incentivado por adultos, a vontade de transformar aquilo num time de futebol. Isso parece nada, mas a medida que a idéia de criar um time de futebol toma corpo, tudo muda, tudo se transforma. Enquanto há esse afã no ar, esse propósito estabelecido, é em nome dele que as pessoas vão passar a se encontrar. O grupo vai se hierarquizar, vai estabelecer regras, vai definir reuniões, as pessoas que não comparecerem poderão levar broncas, é provável que o grupo crie uma estrutura de deveres e direitos no relacionamento entre as pessoas diferente de como acontecia um pouco antes e assim por diante.

Grande parte do que se faz na vida comunitária e o que se faz na escola é na verdade um permanente oscilar entre situações grupos interativos, momentos regidos pelo desejo da convivência, estar ali para conviver com o outro, para fluir em mim a presença do outro e grupos de interesse onde há alguma coisa além da simples convivência ou onde a convivência começa a ser dirigida ao criar novas pautas e novos motivos para a continuidade da própria convivência. Jogamos peladas todos os dias, é tão gostoso, é tão bom, é tão agradável, dividimos a nossa turminha ao meio e dessa divisão criamos dois times e sem torcida nenhuma a nossa volta, sem juiz, sem nada, jogamos as nossas peladinhos. Mas aqui em nosso bairro existem times de futebol organizados, com uma sede, com camisas, com chuteiras e eles disputam campeonato e nós estamos fora disso. Ora, porque não nos organizarmos para criarmos o nosso time de futebol? Pronto, uma passagem de uma situação de sócios, de iguais, para uma outra próxima mas muito diferenciada. Grande parte inclusive das relações entre as pessoas na escola são também oscilações entre vivências de grupos em momentos regidos pelo prazer e o desejo da convivência, num intervalo de sala de aula, ou no recreio, para grupos onde há um propósito,

há um objetivo, um o que fazer. Aí se criam os grupos de teatro, um coral, um pessoal interessado em fazer explorações ecológicas no bairro ou um pouco mais além e assim por diante.

A quarta situação poderia ser a dos grupos de interesse ou dos grupos de tarefa ou grupos de propósitos pré estabelecidos, ou seja, antecedentes e exteriores à própria iniciativas das pessoas. Uma coisa é um grupo de meninos ou adolescentes de uma comunidade se organizarem para transformarem a sua turminha de amigos em alguma coisa além, com um propósito dirigido, de fundarem um clubinho de amigos, ou então um time de futebol, outra coisa é o inscrever-se por vontade própria, eu quero participar, ou então por imposição paterna, por exemplo, de uma coisa antecedente já instituída, um time de futebol já existente, uma tropa de escoteiros, uma biblioteca pública que se abre a grêmios literários coordenados por bibliotecárias ou professores, uma escola dominical de uma igreja e tantos e tantos outros exemplos. São instituições sociais de caráter laico ou religioso, cultural ou lazeiroso pré-estabelecidos, em geral ou no mais das vezes colocados sob controle de adultos mas aos quais crianças são convidadas, adolescentes são convidados e aderem muitas vezes, inclusive por uma sequência de muitos ritos de passagem. Quem tenha vivido numa tropa de escoteiros como eu, sabe como é você se ingressar, não ter ainda um uniforme, ser um noviço, começar a aprender uma série de coisas, ser instalado em uma das patrulhas da tropa e depois cumprir uma série de provas, estar pronto para fazer uma promessa e estar pronto para se transformar num escoteiro, agora sim de pleno direito, colocar o seu uniforme, viver o momento ritual de passagem, você não é mais um noviço, você tem um uniforme, um alguém que pode estar aqui ou ir embora, mas já é um dos nossos, de pleno sentido e depois continuar fazendo provas e vivendo demonstrações de competência e qualificação e passando de escoteiro de segunda classe para escoteiro de primeira classe e assim por diante. Normas, padrões, regras da própria cotidianidade do sentido do estar ali, um código de honra, rituais de passagem, provas a serem vencidas, mas onde a dimensão pedagógica é profundamente marcante, ainda que hoje em dia tão pouco vivida, uma tropa de escoteiros tem uma dimensão de ensino e aprendizagem de coisas muito importantes que vão desde sobrevivência na floresta até um código ético de relação com a natureza e com o outro que eu acredito que em boa medida supera o que se ensina na escola.

Finalmente a própria escola, aí chegamos nela, na escola como uma dessas instâncias de formação de pessoas, de qualificação pedagógica, de tipos de atores sociais. Então, recapitulando, eu comecei por um primeiro grupo, por uma primeira unidade de intervências com uma dimensão também pedagógica que é a família, estendível também aos círculos de parentesco, depois passei pelos grupos de idade, os grupos de convivência regidos pelo desejo do estar com, depois cheguei ao que eu chamei aos grupos de interesse, aos grupos de tarefa ou propósitos criados no entanto como uma espécie de formalização do próprio grupo de idade e passei pelos grupos de interesse ou

pelas unidades sociais de propósitos de interação ou através da interação das pessoas pré existentes e que incorporam jovens, crianças, adolescentes e finalmente cheguei à escola. Escola, justamente a escola. Já é um outro momento e aqui nessa conversa, uma outra história.

O que eu preciso colocar nessa fita de depoimento é uma integração das idéias entre a questão da pesquisa e a docência, o trabalho de professor, desde o mosteiro em Goiás, até a vinda para cá em Águas de Lindóia. Por exemplo, em Uberaba nesses últimos três dias eu consegui acrescentar dados novos àquela idéia dos ciclos de vida e dos círculos da vida. Em primeiro lugar, um esforço para justamente integrar espaço e tempo que antes não estava bem desenvolvido, então a idéia não é apenas trabalhar com os círculos da vida, a família, a parentela estendida, os grupos de idade, os grupos de interesse, as agências de tarefa como eu estou chamando agora, algo como uma tropa de escoteiro e as equipes de trabalho e finalmente a própria escola e também aquela idéia do foco de vocação dessas várias instâncias, desses vários círculos, como por exemplo o ritual, a iniciação, a convivência, a tarefa e também, a tensão ou o peso de emoção, idéia que eu quero rastrear de Maturana.

A ideia é que eu quero integrar uma reflexão sobre esses círculos da vida com a idéia de ciclos de vida que inclusive eu desenvolvo em trabalhos como em Birité, como, a partilha da vida, como no trabalho de saber, um pouco até no afeto da terra. Se eu poder integrar, por exemplo, todo um imaginário relacionado aos grandes ciclos da experiência da vida social em uma comunidade, tal como esta no afeto da terra com uma reflexão sobre os ciclos biográficos da vida, agora que se fala tanto em educação por ciclos e depois isso em círculos de vida eu estarei dando uma substância a todo o trabalho de Antropologia da Educação de um valor muito maior do que eu imagino. Também lá em Uberaba, desenvolvendo as aulas do mestrado, eu comecei a trabalhar com uma idéia bastante fértil que é a ideia de uma junção entre ciclos de vida, círculos da vida e os conteúdos simbólicos vivenciados em cada um desses espaços tempos da existência, por exemplo de uma criança ou de um adolescente na escola. Então, eu pensei rastrear isso, do, a construção social da realidade, o livro de tanto tempo, que me acompanha a tanto tempo, rastrear isso aí e colocar também essa ênfase no conhecimento, nos saberes, valores que são passados, negociados comunicados em cada um desses círculos talvez aquela idéia que venha, das práticas do cotidiano, as gramáticas da vida social, as visões de vocação ideológicas e até os universos simbólicos poderia ser de uma riqueza bastante grande, então essa é a idéia que está me aparecendo agora por aqui em Águas de Lindóia. Nessa minha reflexão justamente para esse encontro eu comecei a preparar o suposto de que todo esse processo que tem a ver com essa vivência, ele, num campo como da educação, ele pode ser pensado como um processo dirigido a mudanças e a transformações, a um seguimento intencional auto ou auter-dirigido da pessoa humana, da criança do adolescente em direção a um transformar-se. Aqui, para Águas de Lindóia, eu estou desenvolvendo a idéia de que o processo de transformação, ele pode dirigir-se

em quatro direções que inclusive se inter-combinam. Ele pode tomar a direção, transformar-se em si mesmo, transformar-se em mim, ou seja, naquele que age sob a transformação de um outro, transformar-se em um nós, criar com esse outro um mesmo projeto de pessoa e finalmente, transformar-se em um outro, um outro que não a própria pessoa, num outro aquele que não dirige o próprio processo, mas num outro idealizado ou então num outro a ser buscado, num outro modelo arquetípico, assim por diante, já que estou num encontro yunguiano.

Então vejamos se pode fazer sentido uma síntese, algo mais completa. De um lado, a idéia de que do ponto de vista sociocultural todos nós existimos em círculos de vida, não apenas as instituições sociais formais que nos são apresentadas numa sociologia mais estrutural, mas círculos existenciais do cotidiano, eu quero trabalhar exatamente com categorias como biografia pessoal, cotidiano, interações do dia a dia, construção social da cotidianidade, então a primeira idéia é essa, ela tem a ver inclusive com aquela pergunta que eu fazia na pesquisa de Catuçaba de A Partilha da Vida e essa é uma outra experiência a trazer pra cá.

Quando eu me olho e vejo, quando eu olho as pessoas em minha volta, no que é que elas estão, em que círculos existenciais e não apenas estruturais e formais, como por exemplo a igreja, a escola, a universidade, a delegacia de polícia e assim por diante. Lembro que de uma maneira muito fecunda eu comecei essa reflexão, falando a respeito da solidão, inclusive numa fita já gravada em Uberaba a caminho da universidade, eu trabalho essa idéia. Então, o ciclo de vida se entrecorta com os círculos da vida a cada etapa da nossa existência, nós estamos existindo dentro de uma espécie de rebalanciamento dessas unidades existenciais da interação entre as pessoas, por isso lá em Catuçaba eu começo na solidão, depois eu procuro compreender o que que é viver no par, a dois, duas pessoas ou longo de muito tempo, recém casal, casal de velhos cujo os filhos já foram embora, ou então alguma coisa que acontece durante, por exemplo numa manhã de trabalho quando o pai e um filho estão juntos, depois o pequenino grupo que começa a partir de três pessoas, o grupo de idade, a família, a família estendida o grupo doméstico, a parentela o grupo de vizinhança, e aí tudo isso que eu já fui trabalhando, só que no caso de Catuçaba eu descrevo com muito cuidado e atenção, e esses são momentos que poderiam ser trazidos com uma enorme fertilidade pra uma reflexão a respeito de educação, transformação, convivência, cotidianidade, construção social do cotidiano, eis aí uma idéia que poderia ser um subtítulo do meu próprio trabalho, a construção social do cotidiano e a experiência da escola.

A construção social do cotidiano e o lugar da escola, ou o lugar da educação, poderia ser o subtítulo, não de Beira Vida Beira Rio, mas talvez do Envoltura do Fogo o livro mais dedicado à Antropologia da Educação. A idéia seria também retomar trabalhos escritos, espaços por mim desde os Deuses de Povo, passando por os Mestres da Folga e da Folia, atravessando a Partilha da Vida, principalmente e o Trabalho de Saber e chegando até o Afeto da Terra e mais

algumas coisas e mais alguns trabalhos que foram realizados e vividos com uma intensidade tão grande e tão bonita durante esse tempo todo. A idéia que de repente me veio foi exatamente essa, foi trazer, garimpar dos meus escritos anteriores, sobretudo das minhas pesquisas, o que há de cotidianidade, de construção social do cotidiano, o que há de experiências criativas a volta disso, nesses vários livros e eu repensar essas idéias dentro do contexto da educação, da experiência da transformação da pessoa através da educação, ou então colocar mesmo passagens breves ou passagens curtas em que essas idéias retrabalhadas são rediscutidas aqui. Eu me lembro de um dos meus trabalhos eu acho que esta no Somos as Águas Puras, sobre Ibitaré em que eu vou fazendo exatamente o que eu estou pensando aqui, eu vou trabalhando com os vários ciclos de vida das pessoas da comunidade, desde, por exemplo a criança pequenina até o velho já prestes a morrer, e mostrando que círculos de vida contaminam e se conjugam na experiência cotidiana das pessoas em cada um dos seus momentos, isso é feito às pressas, a pesquisa foi rápida, mas eu acho que deixa marcas e sinais extremamente fecundos, abertos pra se pensar mais adiante inclusive com toda experiência das leituras sobre ciclos de vida, círculos da vida e assim por diante.

O mais importante é que, nesses trabalhos eu quero falar como um antropólogo fazendo uma fenomenologia com base no interacionalismo simbólico a respeito dessas coisas não se trata de ..., nem Kran..., nem de Adorno, nem mesmo de Paulo Freire, é um outro olhar, uma outra.

Quando olho a minha volta, quando vejo, como já vi em várias situações de pesquisa, em Minas Gerais, em São Paulo, em Goiás, pessoas do mundo rural, pessoas de uma pequena cidade, de uma cidade maior vivendo a experiência do seu cotidiano, interagindo com elas próprias nas várias dimensões de seu ser, aquele estou só, logo somos quatro de Gaston Bachelard, quando eu as vejo interagindo, conversando, trabalhando, ensinando algo a alguém, com outras pessoas dos seus vários círculos, quando eu as vejo vivendo as manhãs, tardes, horas de almoço, noites, jantares, madrugadas, horas de dormir e de novo manhãs, no seu cotidiano ao longo dos vários dias da semana, dias úteis, os chamados dias festivos, como elas estão? Onde elas estão? Em que momentos e situações elas estão?

Isso é a pergunta que eu faço quando eu não as quero ver de fora para dentro, do social estabelecido, organizado, estruturado, consagrado para o campo dos relacionamentos entre as pessoas, essas são as perguntas que eu faço quando eu quero de uma maneira mais subjetiva, mais interativa, mais inocentemente pessoal, perguntar não como a sociedade cria estruturas, estabelece processos de relação de comunicação entre as pessoas para que elas convivam, mas quero fazer a pergunta oposta: como é que as pessoas, interconvivendo, criando entre elas a sua vida, vivem a experiência do seu dia-a-dia, fundam as suas culturas do cotidiano, estabelecem elas próprias ou reestabelecem no viver as próprias gramáticas da vida social a que elas estão submetidas enquanto sujeitos sociais, enquanto atores culturais?

Se eu retomo experiências da minha vida, se de uma maneira mais concreta eu retorno à pesquisa de São Luís do Paraitinga, de Catuçaba, a coisas que escrevi, a primeira situação é a própria solidão. É a solidão, o estar só, o sirilóquio, a solitude, a soledade, nem sei quantas dessas palavras que existem em português. Essa é uma dimensão da experiência social tão pouco levada em conta e tão corriqueira, tão cotidiana na vida de todos nós. O embrião da própria vida social, o momento zero da cultura talvez seja esse: eu estou só comigo mesmo, ou então, como é muito comum se dizer no interior do Brasil, na roça: eu estava sozinho, eu e Deus. Quantas horas do dia, em casa, depois que os filhos foram para a escola e o marido foi trabalhar, uma mulher fica sozinha. Quantas vezes lavrando o seu campo de cebolas, ou a sua lavoura de milho, um homem está só. Quantas e quantas vezes numa viagem a pé, ou a cavalo, ou mesmo dentro de um ônibus cheio de pessoas, uma pessoa está só, sozinha, absorta em seus pensamentos, ou então quando pode dormir, sozinha em seu pequeno sono. E dormindo, e no banheiro, e às vezes numa casa cheia de pessoas, uma pessoa está, por muitos e muitos momentos, sozinha.

A solidão às vezes é buscada como uma espécie de momento de intervalo e isso eu vejo acontecer em todas as situações, nos fundos dos sertões por onde eu andei, ou nas cidades onde vivi. A solidão parece ser esse momento em que eu me retiro das pessoas e convivo comigo mesmo e fala a mim ou me silêncio, mas às vezes essa solidão é imposta, é a criança que é posta no quarto de castigo e é obrigada a ficar na sua pequena solitária, solitária solidão. É a mulher que não gosta, mas quando todos saem tem que ficar só. É velho e isso acontece tantas e tantas vezes, que depois dos filhos criados e às vezes da esposa morta, convive o resto dos seus dias num estado de prolongada solidão, a não ser quando encontra os vizinhos, ou quando um filho de longe o visita.

A solidão é ao mesmo tempo a procura e a perda, o descanso e o castigo. Quando conversando comigo, desde as crianças até os velhos, todos dizem que a solidão não é boa, que ficar muito tempo sozinha é um castigo, é um sofrimento. Sempre que as pessoas podem, elas preferem sair da solidão e buscar o outro e buscar o par.

Lembro-me de um castigo comum dos colégios da minha infância, eu mesmo fui vítima dele de vez em quando, a criança ficava retida na sala de aula durante o recreio, ou então ficava com uma professora fazendo uma tarefa, fazendo linhas, escrevendo cem vezes uma mesma linha, uma mesma frase como uma punição, era muito sofrido tudo isso e o sofrimento não era tanto o ter que fazer as tantas linhas, ou ter que perder o recreio quando os outros estavam brincando, a solidão era o ser obrigado a ficar só, tanto assim que quando o castigo recaía sobre dois meninos, três, já não era tão ruim, mesmo sem poderem conversar um com o outro, o simples fato de estarem ali juntos, cúmplices já diminuía um pouco o peso do castigo, um olhar que trocavam, um sorriso, um sentimento de que afinal não sou eu sozinho quem está aqui, isso já transformava a terrível solidão pesada do castigo numa solidão um pouco

minorada, um pouco menos terrível, afinal, mesmo sem falar comigo, um outro como eu está ali.

O segundo momento da vida tão querido, tão desejado, é o estar a dois, estar no par. “Numa casa de caboclo, um é pouco, dois é bom, três é demais.” Isso é um velho dito popular falado e cantado e embora ele tenha a ver com uma situação de amores devidos e indevidos, bem traduz a idéia de que, em muitos momentos, a situação ideal da vida é estar em dois. Quantas músicas sertanejas versejam isso, o desejo de estar só com você, por uma noite ou por toda vida e também quantas vezes, eu me lembro agora, em contos e novelas de Guimarães Rosa, o sonho do sertanejo não é ainda tanto da família ou dos filhos, mas é o da mulher, o da bela mulher com quem ele vive, com quem ele mora no seu rancho de palha.

Estar a dois envolve uma situação às vezes de dois pontos limites. É comum, no começo da vida de casados, às vezes nos sertões do Brasil por um breve tempo, um homem e uma mulher se apaixonam, se casam, constroem a sua casa e ali vivem juntos por um algum breve tempo até quando nasce o primeiro filho, a primeira filha e tudo se transforma e essa situação volta muitas vezes, anos mais tarde quando já o casal é velho, os filhos foram embora, cada um tomou o seu rumo e ficaram os dois. Estar ao par, estar a dois, conviver entre dois recorta muitos e muitos momentos da vida das pessoas na experiência do cotidiano. A mãe que resta na casa com uma filha que ajuda, ou com um filho pequeno enquanto os outros estão na escola e o marido foi trabalhar. Um homem e seu filho, os dois juntos trabalham na lavoura, às vezes um dia inteiro, a manhã e a tarde. Um casal de namorados que escolhe todos os momentos possíveis para deixar os outros e também sair da solidão e viver o paraíso da experiência de estar com o outro, com a outra amada. Essa situação que no avião coloca numa cabine piloto e copiloto, isolados de todos os outros, os outros podem ser dezenas, centenas de pessoas é uma boa metáfora de muitas e muitas experiências da vida em que por desejo, por conveniência ou por obrigação a solidão se rompe e no intervalo entre ela e o grupo se vive a dois, se vive entre dois. Esse é de fato um momento da ruptura, porque quando se está só se convive no conviver consigo mesmo, a possibilidade do solilóquio, e ela é muito estranha porque é justamente nela que eu posso estabelecer interiormente um diálogo com quem eu queira, com quem eu quiser.

Eu posso trazer a mim para falar comigo, claro numa situação fantasiosa em que talvez só eu fale e o outro ouça na minha metáfora, ou eu responda por ele, quem eu queira, quem eu convide, quem eu convoque. A situação a dois quebra isso, há um outro absoluto a minha frente, é a ele quem eu devo a minha presença, os meus gestos, as minhas falas, esse é, muitas vezes, o momento da máxima intimidade possível de toda vida cotidiana. Há uma intimidade da solidão, aquela que eu vivo no banheiro, aquela em que eu me permito viver pequeninos gestos do corpo, que eu não deixaria existir em mim na presença de um outro qualquer. Mas esse segundo momento do outro à minha volta, ao meu redor, comigo, junto a mim, é aquele em que eu salto dessa intimidade da

solidão, que é uma espécie de falsa intimidade porque ali ninguém me vê e não há ali uma sociabilidade nenhuma para uma verdadeira interação social de caráter profundamente íntima. Ela pode ser íntima, pode se produzir ou não intimidade.

Lembro-me de uma vez, Armando Freitas Filho, meu colega de colégio... e hoje um belo poeta do Rio de Janeiro, Armando me dizia: Eu vinha no bonde e na minha frente vinham dois estudantes, entraram juntos e saltaram juntos e caminharam juntos e deviam ser muito muito amigos, porque durante toda a viagem não falaram uma palavra um ao outro”, eis aí, às vezes essa intimidade pode se recobrir exatamente disso, de um profundo silêncio, a convivência é tão intensa que nenhuma palavra é necessária. Mas às vezes o seu oposto, o estar só com o outro é o momento da possibilidade do segredo, o exato oposto neste caso, do degedo, da experiência não desejada da solidão. Um outro me abre a outros, um outro cria comigo um embrião da experiência social. Eu controlo os meus gestos, os meus olhos, as minhas palavras. Já não vivo mais a experiência solitária da metáfora. Vivo a experiência interativa e real da convivência. Trabalhamos juntos, fazemos, às vezes, juntos algo de extrema importância como pilotar um avião, como lavrar um campo; nos amamos, na cama vivemos a máxima intimidade entre duas pessoas, e não apenas o que se faz em busca do prazer, mas o que se diz para que ele tenha um ardoroso, um amoroso sentido.

Esse estar a dois poderia também ser estendido a situações de uma interação metafórica, de uma interação mais simbólica. O que acontece quando eu estou sozinho e ouço um disco de Chico Buarque ou Dércio Marques, esse outro que está longe não sabe que eu faço isso e não me ouve, entretanto canta ali e cantando para mim, canta às vezes como se estivesse comigo. O que acontece quando eu leio um livro?

Quando eu leio numa manhã de setembro poemas de Manoel Bandeira e de alguma maneira trago à minha presença esse outro e às vezes escrevendo, dizendo o que eu sinto num diário ou num estudo, estabeleço um falso, mas por outro lado também, um verdadeiro diálogo com ele. Estar a dois é uma situação que envolve pessoas humanas em todas as etapas da vida. A criancinha pequenina no estar com a mãe, na intimidade da presença da mãe, dos cuidados da mãe, quanta psicanálise relacionada a isso, mas também quanta psicanálise relacionada à invasão dessa intimidade por um terceiro, a presença paterna, de um pai. Quanta dificuldade de um amor dividido entre dois no coração da criança. Quanto, talvez, desejo reprimido ou não, de estar só com a mãe, de viver um pequeno paraíso de ter um ser absoluto, amoroso, cuidadoso em minha volta, a meu serviço, me abraçando, me tocando, me tendo em si, quase um mesmo corpo, a mesma situação que se reproduz entre os amantes. Como um salto na relação afetiva profunda entre o estar a dois e mais de dois é difícil, é terrível, é às vezes profundamente condenável. Tudo que parece sagrado e santo na relação amorosa entre duas pessoas, surge como uma espécie de aventura quase depravada, de desvio da afetividade e do desejo quando há um terceiro, um mais alguém.

Estar a dois é um embrião da experiência numa situação do estudo, quando com um outro eu estudo, chamo um outro, um colega, um companheiro e então estudo. Ou então, eu já falei, na situação de trabalho tão comum, tão costumeira, um mestre e seu discípulo, um pai e o filho, dois companheiro de uma mínima equipe de trabalho. Estar a dois.

Para além do estar a dois, a trinca, o estar a três já é um saltar da mínima unidade da interação para a existência de um pequeno grupo. Não se trata de uma psicanálise da Sagrada Família, eu repito, mas seria muito interessante uma antropologia um pouco mais a fundo a respeito dessa passagem na vida cotidiana da relação fundadora da interação, a relação a dois e a relação da trinca, a três, o que eu chamei o verdadeiro embrião do pequeno grupo. No mundo rural é muito comum que elas se dêem em dois pontos não extremos, mas distanciados da vida de um casal, o surgimento de um primeiro filho que muitas vezes no ano seguinte vai se desdobrar, ou pelo menos antes, no passado, num segundo filho. Quando o par que vive junto, o par, João Guimarães Rosa, vê chegar a casa um filho e realmente tudo se transforma, uma relação dual torna-se uma relação tri-lógica, tri-afetiva, uma relação em que muitas vezes a mãe retorna a uma relação a dois quando o marido sai ao trabalho e ela fica com o filho e num outro ponto essa relação a três, essa pequena trinca familiar, ela acontece na casa camponesa quando todos os filhos foram embora já e o casal fica com uma filha responsável pelo cuidado dos velhos, ou então aquela que não casou, aquela que ficou com os pais; eu encontrei isso em várias situações.

Entre meninos em idade escolar o estar a três funda o pequeno grupo, funda aquilo que eu quero chamar aqui de grupo de idade e eu preciso, inclusive, buscar nos livros de Antropologia dados mais fecundos a respeito. O grupo de idade, o grupo de escolha. Quando, entre vários irmãos, três se juntam e brincam juntos, estão juntos, criam uma intimidade de escolha, uma intimidade por opção. Essa é a primeira passagem na experiência do cotidiano do grupo de destino, a família, o marido, a mulher, os dois, os três, o grupo de escolha, as crianças se escolhem, às vezes em sete irmãos, três se elegem para serem mais íntimos, ou então entre primos, ou entre amigos de uma vizinhança e ali se funda, se cria a primeira unidade da brincadeira, do fugir do controle dos pais e viver a experiência da convivência, da convivência livre e escolhida.

A ampliação dessa pequena trinca, ela já estabelece propriamente o grupo. A família de mãe, pai e dois filhos, o grupo de destino, ou então o grupinho de quatro amigos, de cinco amigos, de seis e até de sete, os amigos inseparáveis, a pequena gang, o urbano, rural, aqueles que querem conviver e podem, inclusive, alterar essa relação de convivência, por exemplo: excluir dois amigos, aumentar outros dois, aumentar ou diminuir o próprio grupo, dividir o grupo em dois, mas o importante é fixar a idéia sobre esse fato, aqui está o embrião da pequena comunidade, do grupo que passa a existir por uma eleição, por um arbítrio, nós queremos estar juntos. Assim também o grupo ampliado de homens adultos numa mesa de truco, num bar ou criando a passagem do grupo

de convivência, do grupo de idade para um grupo de tarefa, o momento que ou assalariados por um patrão, ou então escolhidos entre eles, parentes, vizinhos, uma equipe se forma, uma equipe de trabalho, uma estável, como por exemplo os artesãos de uma oficina de artesanato de barro, ou então os operários de uma fabriqueta de fundo de quintal, cinco, seis, sete, o grupo estável de trabalho, de tarefa, ou então o grupo de escolha para uma qualquer atividade, não necessariamente produtiva, mas endereçada ao cumprimento de uma tarefa. Eu posso imaginar, por exemplo, um conjunto de moças que se reúnem a cada dois dias da semana para orarem juntas, ou para meditar, para praticarem ginástica ou ioga, ou um conjunto pequenino de estudantes, vizinhos ou próximos que se escolhem para estudar juntos, para fazerem juntos o dever de casa, a tarefa de casa.

Nessa pequena diferença que eu estou estabelecendo aqui já existe algo muito interessante que é a oposição de algo que eu estou chamando de grupo de destino, como por exemplo uma família e grupo de escolha, grupo de opção, se quisermos e que pode ter, ao contrário do que em geral deve acontecer com a família, é um dado de desejo do momento de até mesmo arbítrio, sobretudo quando se trata da experiência dos pequenos grupos cuja a intenção é a vivência da convivência. Os amigos de bar, os amigos de rua, as gangs que se formam e, como eu acabei de dizer, são regidas por um princípio de permanente escolha e instabilidade. Quando, na relação muito frequente no contexto da escola entre rapazes e moças, surgem os primeiros interesses pelo outro, pela outra, interesses de namoro, começa a haver uma permanente oscilação entre estar no grupo, por exemplo: grupos de moças, grupos de meninos, grupos de rapazes, ou então grupos de moças e rapazes e estar no par, estar com o par.

Lembro-me das minhas vivências do Rio de Janeiro nesses tempos, às vezes até a forma como a nossa turma de amigos ao mesmo tempo que incentivava reagia contra a formação de um parzinho de namorados, era como se uma moça viesse roubar um colega nosso, isso às vezes acontecia de uma maneira muito visível, um alguém nos deixava, nos secundarizava em função de uma moça, de uma namorada que não era da turma, da própria turma, era de um outro lugar, de uma outra turma, do fim da linha do bonde da Adolfo Lutz, da Praça do Jóquei e assim por diante.

Grupos de destino, grupos de escolha. O círculo maior de relações, o círculo mais alongado do que esse, nas duas dimensões, ele leva o pequeno grupo de convivência, de tarefa ao seu limite, por exemplo: uma turma de colégio, de trinta e dois ou de quarenta alunas, uma equipe de trabalho, provisória ou estável, de mais de vinte pessoas, já há uma passagem daquela convivência afetiva, cúmplice da pequena equipe de quatro, cinco, até oito pessoas que se escolhem ou que precisam estar juntas para uma unidade maior, muitas vezes com frequência vai novamente se subdividir, se fracionar nesses grupos menores. Todas e todos que somos professores sabemos muito bem da diferença de qualidade interativa entre pequeninas turmas de alunos, de até doze e grandes salas de aula, quarenta, cinquenta pessoas, quando mais do que

isso a própria idéia de uma unidade, de um nós se torna impossível, é muito difícil haver um nós reconhecível, afetivo entre cinquenta, entre sessenta pessoas. Mas ele existe de alguma maneira em situações polares, opostas.

De um lado esse amplo nós que constitui uma grande turma de qualquer maneira, ou então uma comunidade como as muitas pequenas cidades ou comunidades interioranas onde eu estive investigando e de outro lado a pequena multidão reunida num encontro, na escola, ou em um simpósio de educação ou mais ainda numa situação ampliada de massa, um comício ou algo assim. Situações polares porque uma, vivida ao longo de muito tempo da vida, em algumas pessoas, toda a vida, você é um nativo e vive quase toda ou toda sua vida no interior de uma comunidade e se reconhece parte dela, conhece grande parte das pessoas, das famílias, muitas vezes tem envolvimento de vários tipos, dos tipos descritos nesta fita ou em outra, ainda que no seu cotidiano você não viva a sua comunidade, a grande sala de aula, ou encontro, ou então o seu lugar de vida como uma unidade de referência, o que que eu quero dizer? Uma pessoa, ela, ao longo de um dia e de um dia a uma semana e da semana num mês e dos meses de um ano e nos anos de uma vida, ela está existencialmente sozinha com um outro, com outros, com mais outros até o limite de um grupo interativo, uma equipe de trabalho, uma turma de alunos, ela está na comunidade, está numa escola, está no seu bairro, está no seu povoado de vida, mas ela não vive de uma maneira interativa, ativa a comunidade como um grupo desse tipo. A mesma coisa acontece na situação polar, na situação oposta nos pequenos breves momentos de inserção do meu eu de uma grande massa. Uma grande massa que pode começar num grupo de mais de trinta, cinquenta, noventa pessoas e que pode se estender ao que aconteceu ontem aqui, pois eu estou em Porto Alegre, participando do Fórum Internacional de Educação e ontem na abertura nós éramos entre dez e quinze mil pessoas no Gigantinho, em Porto Alegre. Havia versões desencontradas que quase lotava aquele lugar, entusiástica, cantando, assistindo, aplaudindo, se tocando afetivamente com momentos de muita intensidade, eu mesmo vivi isso, eu estava lá, eu era um dos participantes daquela grande massa reunida com uma intenção, com um pequeno conjunto de intenções definidas, mas a minha vivência interativa foi com uma pessoa com quem eu fui, foi com algumas pessoas próximas a mim e cujo o modo de ser e cujo o comportamento à minha volta, ao meu redor, em grande parte influenciava o meu próprio e as muitas pessoas que eu fui encontrando dentro daquele lugar ou quando eu sai, no espaço a volta, era sempre uma outra pessoa, duas, três outras pessoas, numa relação interativa com sentido, com profundo sentido. Quero agora, no final dessa fita, retomar alguns passos para deixar mais claro tudo que foi colocado até aqui. Eu estou trabalhando com a ideia de que nós podemos inter-relacionar isso que eu acabei de descrever desse lado da fita, ou seja, as situações existenciais da experiência do cotidiano que vão da solidão à comunidade ao grande grupo, passando por cada um dos momentos descritos sumariamente por mim e depois, digamos, como algo que cruza as situações mais sócio culturalmente estruturadas da vida.

Exemplo: eu vivo a sós, com uma outra pessoa num par de relações, numa trinca de interações, num grupo um pouco maior, no contexto da família, a minha família, meu grupo doméstico, minha casa, com um tempo e espaço de vida, me reserva ao longo de uma manhã essas várias possibilidades. A família exclui a possibilidade da vivência do grande grupo, o que poderia se dar no momento de festa que reunisse toda uma parentela, ou toda uma vizinhança. Então, de um lado eu tenho a solidão, o dois, o três, o quatro, o vários, o muitos e de outro lado eu tenho a família, a família estendida, a parentela, o grupo de idade, o grupo de interesse desdobrado de grupo de idade, as equipes de tarefa, a situação escola. Então eu estou pensando aqui, eu estou desenhando com as mãos no ar um jogo da velha mais simples apenas composto por duas linhas que se cruzam e formam quatro quadrantes, mas o que interessa aqui são as linhas. Na linha horizontal eu estou colocando essas várias unidades que eu descrevi nesta e em outras fitas, da família e da escola no caso da educação e na linha vertical, cortando essa linha horizontal, as situações existenciais da vivência do dia-a-dia.

Na verdade essa figura poderia ser trocada por uma outra mais fiel, uma outra em que o que eu tenho são, em cada uma dessas situações da linha horizontal, as possibilidades das outras relações, das relações da solidão à multidão, então eu tenho isso acontecendo no contexto família, tal como eu descrevi, no grupo de idade, no grupo de interesse, na equipe de tarefa e finalmente no próprio contexto da escola. Assim, se eu tomo o caso da vida de adolescentes das muitas escolas que nós estivemos descrevendo e com quem nós estivemos trabalhando nesses anos todos aqui mesmo em Porto Alegre. Esses adolescentes, eles a cada dia de suas vidas numa comunidade como em Belém Velho, por exemplo, eles oscilam entre situações que vão do estar só ao estar entre muitos, vivendo algumas situações em que se intertrocam com muita frequência ao longo de um dia, estou sozinho chega e eu estou com ele, de repente somos três pessoas, um pouco mais adiante, quatro, cinco, seis pessoas, dentro de um contexto familiar, ou num grupo de idade, um pouco mais adiante somos vinte e oito pessoas numa sala de aula, é o momento em que volto à minha solidão e um pouquinho mais eu estou de novo com um colega e assim por diante. E esse adolescentes estão vivendo isso saltando continuamente de uma dessas unidades de vivência sociocultural do cotidiano para outra, da casa para o grupo de idade, do grupo de idade de volta para a casa, do grupo de interesse de volta para a escola para o grupo de tarefa e assim por diante. É esse intercruzamento, é essa intercomunicação de situações existenciais com as unidades socioculturais de inserção e interação da pessoa num dia de vida na experiência do cotidiano que eu quero trabalhar e aprofundar aqui.

Poderia fazer interagir esses vetores que se cruzam com os outros dois elementos pensados até aqui. De um lado a situação regida pelo teor de intenção, de motivação da vivência de cada um desses grupos, de cada uma dessas unidades. Uma intenção, convivência, iniciação, ritual ou tarefa, produto prático da interação e depois a qualidade emotiva, a qualidade...

Eis agora um esquema mais ou menos acabado, mas ainda com tanta coisa por fazer. Ele coloca em ação, de um lado as interações possíveis, os modos de estar, as dimensões do estar na vida cotidiana, as dimensões socioculturais de inserção, depois as intenções, motivações dominantes e interativas em cada uma dessas unidades cruzadas com cada um desses modos de estar no cotidiano e finalmente a carga afetiva, a qualidade de emoção de cada uma dessas situações. Quando eu penso, por exemplo, o caso da escola, essa reflexão fica extremamente fértil porque eu posso imaginar que na cultura escolar do cotidiano a cada momento, a cada instante ou numa sucessão de instantes, as pessoas que lá estão, professores, alunos, colegas de turma, funcionários e mais isso e mais aquilo, elas estão continuamente interagindo, se intercomunicando numa configuração desses vários elementos da minha análise.

Carlos Rodrigues Brandão

onde? quando?